

A central white speech bubble with a brown border contains text. It is surrounded by ten colorful cartoon characters of various ethnicities and ages, some holding pencils or paintbrushes, suggesting a school or educational theme. The background is a soft, light-colored gradient with faint circular patterns.

Mariana Gouvêa de Matos

TEM PSICÓLOGA NO CHÃO DA ESCOLA!

notas sobre
educação infantil

A central text bubble is surrounded by ten diverse, cartoon-style children of various ethnicities and ages. Some are holding pencils, suggesting a school or educational theme. The background is a light blue gradient with soft, wavy patterns.

Mariana Gouvêa de Matos

TEM PSICÓLOGA NO CHÃO DA ESCOLA!

notas sobre
educação infantil

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M433t

Matos, Mariana Gouvêa de -

Tem psicóloga no chão da escola!: notas sobre educação infantil / Mariana Gouvêa de Matos. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-321-9

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-321-9

1. Psicologia escolar. 2. Educação infantil. 3. Infâncias.
4. Psicanálise. 5. Cuidado. I. Matos, Mariana Gouvêa de.
II. Título.

CDD 370.15

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação - Psicologia

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 a autora.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	grfxrf, rubalprince - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Belarius Poster, Obviously
Revisão	Mariana Gouvêa de Matos
Autora	Mariana Gouvêa de Matos

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 5

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil



Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneos
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil



Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



SUMÁRIO

Apresentação	11
Introdução	12
Chegando numa escola nova	16
O lugar do psicólogo	17
Sobre as costuras das adaptações.....	18
A tal da mediação entre professoras e coordenadora.....	19
O chororô que não cessa	20
Grupo 5.....	24
O pedagógico em segundo plano	30
Como é difícil para nós a sexualidade infantil	32
E o desfralde?	34
Ganhando palavras.....	36
David e Jucy	38





David, sua professora e a coordenação	41
David, Jucy e os limites.....	43
Escuta individual	45
Trabalhando em micro equipe.....	46
Menos disciplina, mais limites claros	49
Até onde vai a escola?	52
Miguel e o muro	54
Ruan e as palavras feias	56
Rafaela Amaral	58
A escola e a eterna falta de profissionais	60
Um dia qualquer na escola.....	61
Caíque.....	63
Formação subjetiva dos professores	66
As relações na escola	68



Saída da Carol	72
Sono	74
Jurema.....	76
Educar é político!	78
Quando uma criança do grupo tem frequentes explosões de raiva e os responsáveis pelas outras reagem	79
Trabalho fluído	81
Sobre o silenciamento dos corpos.....	82
Despedida do ano letivo.....	83
Quando a gente sai da escola, mas a escola não sai da gente.....	84
Sobre a autora	85

APRESENTAÇÃO

O livro “Tem psicóloga no chão da escola! Notas sobre educação infantil” é fruto de 14 anos de experiência como psicóloga escolar. Na escola estive como estagiária, como psicóloga substituta, como assistente de direção, psicóloga, coordenadora. Estive em escolas particulares, em escolas comunitárias nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, em escolas públicas pelo estado do Rio... estive em muitas escolas. As notas sobre o campo que compõem esse livro são, contudo, um privilégio oriundo da prática em escolas particulares, em que havia carga horária destinada à elaboração da prática. Aos chefes que me proporcionaram esse contexto, minha eterna gratidão. Espero que minhas reflexões ressoem em você, caro leitor, e que te toquem no sentido da valorização da educação infantil.

Boa leitura!



INTRODUÇÃO

Quando se trata de crianças pequenas, nenhuma ação dos educadores é neutra: o desenvolvimento humano se dá sempre com os outros e através dos outros. Quando a criança chega ao mundo, o mundo já está lá, com suas histórias e tradições. Dessa forma, a criança tem de fazer não tanto um trabalho de descoberta, mas um trabalho de recriação deste mundo que lhe foi ofertado pelos outros. É, portanto, a partir de algo que já existe e que lhe é significado por outros que a criança vai ser capaz de recriar o mundo e fundamentar sua subjetividade. Entendendo que o espaço escolar deve ser construído na tentativa de auxiliar as descobertas da criança, servindo de suporte para suas curiosidades e encorajando suas pesquisas, parece necessário que tenhamos clareza de que o mundo que apresentamos para os pequenos é o mundo que, por ventura, pudemos recriar ao longo de nosso próprio processo de constituição subjetiva e que o mundo em si não existe como algo pronto a ser conhecido, mas sim como algo que se produz e reproduz no encontro entre sujeitos. Nesse sentido, não há fórmulas prontas, mas uma coconstrução diária que se dá no espaço entre o mundo adulto e o mundo infantil, universos tão distantes que têm sido historicamente reforçados como evolutivamente sequenciais: crianças viram adultos, e, enquanto não o são, devem se esforçar no sentido de adquirirem competências para sê-lo. E os adultos, viram crianças? Talvez seja esse um dos maiores desafios das instituições que se propõem a trabalhar com a primeira infância. Como acessar novamente esse universo infantil que se perdeu dentro de si na tentativa de se tornar adulto? É possível um trabalho com crianças que não perpassa o infantil em cada um de nós? Penso que não. Assim, o trabalho da educação infantil foca não somente o infantil da infância, mas também o infantil do adulto, que tem suas experiências concernentes à sua própria infância reatualizadas a todo instante no seu ambiente de trabalho.



A tendência a reproduzir uma cultura tradicional de educação, que prioriza os conteúdos e não as práticas, é muito presente nesse cenário. O adulto, confrontado com o infantil que o atravessa, tende a ocupar o lugar de detentor do conhecimento, daquele que conhece o mundo e cuja missão é ensinar para a criança, da melhor maneira possível, sobre esse tal mundo dos adultos. Contudo, na redação da LDB, a própria distinção de nomenclatura, que intitula educação as práticas referidas à primeira infância e ensino as referentes aos demais segmentos, aponta para a necessidade da prevalência do educativo sobre o instrucional, bem como para a necessidade de priorizar os processos de desenvolvimento psicológico e social nesta etapa da educação básica. Ensinar sobre o mundo é, dessa forma, diferente de educar para o mundo, sendo o primeiro formato um ato de violência tanto para com as crianças como para com os educadores, que se veem privados de uma experiência enriquecedora de conhecimento de si e dos outros.

Concomitantemente, observa-se uma dicotomização entre as noções de cuidado e de educação, o que deflagra a dificuldade em integrar tais práticas e em valorizar o cuidado em instituições educacionais. É sabido que a educação infantil envolve os processos indissociáveis de cuidar e educar. O cuidado é aqui entendido como mais amplo que a atenção a necessidades básicas como higiene, sono e alimentação, incluindo preocupações com a organização dos espaços, atenção aos materiais oferecidos, respeito às manifestações da criança e aos ritmos individuais de cada um, além do acolhimento das preocupações e necessidades de suas famílias. Ao mesmo tempo, a criança pequena experimenta um momento no qual passa a significar o mundo que a cerca, o que a introduz cada vez mais em experiências culturais próprias de seu grupo social, e, para que isso ocorra, é necessário que lhe seja provido um ambiente de educação, que lhe apresente desafios que impulsionem ao crescimento. Ambas as práticas, educação e cuidado, devem encontrar-se imbricadas no espaço de educação infantil, posto que a base afetiva





segura possibilita à criança adentrar nas trocas culturais, ao mesmo tempo em que as trocas culturais fortalecem os laços intersubjetivos. Nesse sentido, cuidar é educar e educar é cuidar. Chama a atenção, então, a necessidade de reafirmação de ambas as palavras, em paralelo, como se de fato uma fosse possível sem a outra. Há de se pensar sobre isso, pois a constante afirmação do binômio parece resultar de/em práticas dicotômicas.

No que diz respeito à formação profissional, o desafio inerente ao manejo dos grupos de atores que trabalham com a educação infantil é enorme. Cuidar da afetividade é muito difícil quando não se teve alguém que cuidasse da sua própria. Fazer diferente do que fizeram com a gente demanda um diário esforço de problematização e questionamento de nosso saber fazer. A tentativa de fazer o caminho de volta, do adulto à criança, é um exercício para além de algo que se “sabe fazer”. O tempo da criança é outro, a fome da criança é outra, o sono da criança é outro, o afeto da criança é outro. Outro e mesmo ao mesmo tempo, posto que ainda resta em nós. Deixar-se conduzir pelos ritmos da criança sem, contudo, desampará-la em sua experiência de recriação do mundo, lembrando que há que se ofertar algo para que, a partir daí, a criança possa exercitar o trabalho de reconstrução é, na minha opinião, uma das tarefas laborais mais belas a que qualquer adulto possa se prestar. Não impor um mundo que já existe e, ao mesmo tempo, não abandonar os pequenos em sua árdua tarefa de significação da vida. Coconstrução. É isso que me encanta na educação infantil, esse desafio de se deixar apreender pelo encontro entre mundos tão diversos e cocriar um espaço transicional potente.

Infância é tempo de vulnerabilidade e potência. É depender de um outro e se entregar a ele de uma forma genuína, marcada pela espontaneidade. É, portanto, a fase da vida em que, no curso saudável do desenvolvimento, estamos mais abertos às trocas e encontros com a alteridade, sem defesas constituídas. É um tempo em que geralmente conseguimos respeitar nosso próprio ritmo e acessar

com mais facilidade nosso potencial criativo; em que transmutamos nossa curiosidade em ação investigativa. O trabalho com educação infantil é sempre um grande desafio, escola para pequenos é um verdadeiro caldeirão de emoções! Juntos sorrimos, nos alegramos, sentimos raiva, choramos, amamos... e como amamos!!! Não é fácil emprestar nossos sentimentos, nos misturarmos e desmisturarmos uns aos outros. Mas a potência é política, é de transformação social. E é isso o que me move e estimula a seguir investindo nesse trabalho.



CHEGANDO NUMA ESCOLA NOVA

Cheguei na escola e todos me receberam muito bem. Fiquei impressionada com a receptividade das professoras ao acolherem em suas salas alguém até então desconhecido. Sinal de saúde institucional. Sabemos bem que a abertura para o psicólogo nem sempre é fácil, principalmente na escola, já que nossa presença costuma gerar incômodos, sensação de estarem sendo julgadas, avaliadas, interpretadas. Senti que a equipe me recebeu entendendo que fui contratada para somar, ajudar no que for possível. Talvez fruto de um espaço conquistado pela Rose, psicóloga anterior. Substituí-la tem sido, nesse sentido, fácil. Com o passar das semanas, tenho conhecido de perto cada vez mais crianças e é muito prazeroso estar perto delas, é algo que me encanta, faço porque gosto, realmente gosto. Não preciso nem dizer que elas me receberam muitíssimo bem. Já começam a me chamar pelos corredores, o que vai me gerando uma sensação de estar em casa. As reuniões de equipe têm sido importantes para eu me aproximar dos profissionais de outra forma, fora da rotina com as crianças. Na sala da coordenação, começo a me sentir à vontade para atender telefones e tenho buscado trocar mais com as coordenadoras. Até então tenho gostado de trabalhar em parceria com elas, são pessoas sensíveis, ao que tudo indica será uma troca prazerosa. Com os diretores eu ainda não tive a oportunidade de trocar muito, gostaria de ouvi-los mais, mas estou certa de que existirão momentos oportunos.



O LUGAR DO PSICÓLOGO

Sabemos o quão delicado o lugar do psicólogo é nas instituições. Entendo que faz parte da nossa função detectar possíveis entraves e denunciá-los. Mexemos por vezes em algumas “feridas”, que podem gerar incômodos, insegurança ou coisa que o valha. Enquanto psicólogos, deveríamos saber o risco que corremos em tomar partido, ficar de um lado ou de outro nas situações, e, por isso, precisamos o tempo todo fazer o exercício de nos descolar do micro, na tentativa de enxergar o macro. Em geral temos noção – ou deveríamos ter, mesmo que pouca – de que as situações são sempre mais complexas do que aparentam. Contudo, creio que isso nem sempre se faça claro para os demais sujeitos que constituem as instituições. Parecem crer que nossas “denúncias” podem funcionar em uma direção culpabilizante, apontando para o que é certo ou errado. A noção de que estamos atentos à complexidade das relações, de alguma forma talvez não seja clara. Por isso, penso que precisamos cuidar da equipe de gestão que somos. Tenho notado que às vezes algo se perde, ou se cria, quando minhas falas chegam à coordenadora. Isso tem me gerado o receio de que eu passe a ocupar o lugar daquela que denuncia no sentido de culpabilizar determinado sujeito. Não é nisso que acredito. Aponto, então, para a importância de cuidarmos dessa comunicação, estreitarmos os laços entre nós, como equipe que cuida de tantos sujeitos – educadores, crianças e suas famílias. Acredito que os processos sociais sigam um movimento em cascata, perpassando todas as estruturas institucionais, desde a direção até a cozinha, e vice-versa. Nesse sentido, aponto para a importância de cuidarmos da gestão enquanto grupo. Nesta semana me surgiu o receio de que a comunicação entre mim e a diretora ficasse confusa, que meus apontamentos parecessem “fofocas”, como se estivesse apontando “falhas” no trabalho da coordenação. De forma alguma se trata disso, não é esse o lugar que vim ocupar. Queria ajuda pra manejar esse grupo que somos. Olhar para nós mesmas é sempre mais difícil, mas acho que é o mais importante.



SOBRE AS COSTURAS DAS ADAPTAÇÕES

Conversei com a mãe do Francisco sobre a adaptação dele. Combinamos de nos falar na segunda pela manhã pra ela passar pra escola quem virá acompanhá-lo em quais dias da semana. Conversei com Antonia e com Cleide sobre essa adaptação e elas me apontaram a dificuldade da mãe em se separar de Francisco quando é ela que vem trazê-lo e o fato de ela não bancar os combinados que faz com a escola e com Francisco, participando das atividades junto ao grupo, instigando a curiosidade das demais crianças, e atendendo aos pedidos do filho para que permaneça ao seu lado, desconsiderando os apontamentos dos adultos da escola quando sugerem que pode sair da sala. Falei para as professoras, então, que conversarei novamente com a mãe sobre a importância de se fazer desinteressante caso precise entrar em sala, que não fique dentro do grupo, mas em uma mesa separada, lendo ou trabalhando de alguma forma, e que resolvamos as coisas entre os adultos (família e escola), sempre sentindo as possibilidades de Francisco, claro, mas não deixando a responsabilidade das decisões com ele. Sinalizarei a importância de que, ao receber um sinal das professoras, comunique ao filho que vai sair da sala, deixando clara para ela a diferença entre avisar ao filho que vai sair e pedir sua permissão. É ela quem tem que permitir que ele fique, e não ele que ela saia. Que possamos, enquanto equipe, ser amparo pra que essa mãe se sinta segura e possa, assim, transmitir segurança na separação. Ela não consegue assimilar nossas orientações porque a insegurança maior em se separar provavelmente é dela. Nesse sentido, precisamos tecer vínculo com ela, acolhendo seus possíveis medos e inseguranças, pra que possa confiar seu filho a nós.



A TAL DA MEDIAÇÃO ENTRE PROFESSORAS E COORDENADORA

...“eu fico sozinha depois das 12:30 pra descer com as crianças que já acabaram de comer, enquanto outras ainda estão comendo lá em cima com a Nadia. Enquanto eu faço a mediação da escovação de dentes, geralmente o Patrick ‘foge’ do grupo”. Reconheço a dificuldade, não sei se dá pra botar tudo na conta da inexperiência e da falta de jogo de cintura da professora. Ela sugeriu que trocássemos o almoço dela para a sala de artes, assim já estaria no mesmo ambiente da escovação de dentes. Fui conversar com a coordenadora, que de pronto colocou vários empecilhos, que podem até ser reais, mas senti um pouco de dificuldade por parte dela só em tocar no nome da professora. É óbvio que a gente às vezes fica com raiva das pessoas, com preguiça e tudo mais. Mas talvez, enquanto coordenadora, ela precisasse cuidar mais disso, porque senão o embate só aumenta e vira *pinimba* de criança. Ainda não consegui conquistar abertura da parte dela pra conversar sobre isso, então por ora não sei se cabe. Por enquanto eu tenho falado para as educadoras a procurarem sempre que me relatam alguma questão. Geralmente me falam algo do tipo: “ela está me dando umas patadas desnecessárias, eu não sei exatamente o que aconteceu”. Ser coordenadora não é fácil. Como podemos acolhê-la para que possa acolher as educadoras?

O CHORORÔ QUE NÃO CESSA

Uma professora passou por mim e pediu que eu desse um pulo na turma dela. Disse-me que Juliana estava chorando desde que chegou e perguntou se eu poderia ajudar. Entrei na sala e Juliana estava chorosa em um canto. Aproximei-me para conversar com ela. Não conseguia entender o que dizia devido ao choro. Coloquei pra ela que não conseguia compreendê-la e pedi que se acalmasse. Sugerí que fossemos lavar o rosto e beber uma água, com o que ela prontamente concordou. No banheiro, me explicou que estava com muita saudade da mãe, que queria que a viagem de carnaval chegasse logo. Queria ir *hoje*, e queria que a mãe a buscasse *agora*. Conversamos um pouco sobre as coisas não serem sempre do jeito que gostaríamos que fossem, sobre o trabalho da mãe e a impossibilidade de esta buscá-la mais cedo. Ela foi se acalmando, mas ainda soluçava. Perguntei se ela queria dar uma volta no pátio antes de voltarmos para o grupo, poderíamos conversar um pouco mais e depois eu ficaria junto com ela na atividade que sua turma estivesse desenvolvendo. Nesse meio tempo, encontramos uma educadora, Sonia, que, ao ver Juliana soluçando, perguntou-me se poderia conversar um pouco com ela, na minha presença. Eu consenti. Ela fez, então, as mesmas perguntas que eu já havia feito, e provavelmente a professora e a auxiliar também: por que Juliana chorava. Conversou um pouco com ela. Disse-lhe que sua mãe não poderia buscá-la naquela hora, mas que poderíamos fazer um combinado de a mãe vir buscá-la mais cedo. Gelei. Será mesmo que poderíamos fazer esse combinado? Não falei nada. Ela sugeriu-me que convidasse Juliana para um banho, caso ela não parasse de chorar. Outra educadora, Patrícia, que estava sentada perto de nós, chegou para perguntar à Juliana "O que houve? Por que choras?". Sonia disse algo do tipo: "Juliana gosta muito da Patrícia, de repente Patrícia poderia dar um banho nela".



Patrícia então sugeriu o banho, o que pareceu agradar Juliana. Nessa hora eu me senti muito mal. Recém-chegada na escola, não me senti confortável para negar o “auxílio” de Sonia ou de Patrícia, afinal elas conhecem mais Juliana do que eu. Mas eu, que havia sido chamada pela professora para ajudar Juliana, de repente já não estava mais em cena. Fui então atrás de Patrícia e Juliana no banheiro e disse para as duas que ia esperar acabarem o banho, mas que quando acabassem eu voltaria para sala com Juliana. Ela precisava voltar pro grupo!

Voltamos para o grupo. As crianças jogavam. Sentamos, eu e ela, em uma mesa para jogar com outras crianças. Fizemos uma dupla e jogamos com os outros por alguns instantes. Sempre que parava de convocá-la para o jogo, o choro voltava. Até que voltou com toda a força, acompanhado da frase: “quero ligar pra mamãe”. Fui com ela na sala da direção, para saber o que poderíamos fazer por Juliana. O que entendi do combinado era que a diretora teria uma entrevista em seguida e, quando acabasse, ligaria para a mãe dela para marcar uma entrevista, pois estava vendo que Juliana não estava bem. Entendi que quando ligasse para a mãe dela, a chamaria para dar um beijinho. Voltamos pra sala. O choro continuou. Conseguia entrar com ela na atividade, mas se não houvesse um estímulo constante de minha parte o choro voltava, acompanhado da frase: “quero ligar pra minha mamãe”. Relembrava a ela do combinado com a diretora. Dizia que tinha que esperar, que ela a chamaria quando fosse telefonar para marcar a entrevista. A diretora então retornou, nos disse que havia ligado para sua mãe e que se encontrariam no dia seguinte. O chororô voltou. Juliana chorou, chorou, mas progressivamente pôde ir se descolando de mim, sem que eu sumisse de sua vista. Ensaíamos momentos de separação e cola. Ela estava chorosa, mas estava no grupo. Não chorava mais de soluçar. Consegui sair da sala, dizendo que a encontraria no almoço. Aparentemente ficou bem, acho que ela estava segura de que eu voltaria. Voltei. Fiquei do lado dela no almoço. Ela comeu tudo, em meio a algumas lágrimas.



Acabou de almoçar e o choro cessou. Pela primeira vez no dia esboçou sorrisos! Ufa. Que alívio! Disse-me: “agora já está mais perto da hora em que a mamãe vai chegar!”. Parecia bem melhor, amparada. Fui então procurar um lugar no qual ela pudesse dormir. Coloquei o colchão e me deitei ao lado dela. Começou um chororô intenso. Ela dizia que não queria dormir, que queria que a mamãe viesse buscá-la mais cedo. Chegou o resto da turma e ela obviamente não dormiu. Eles ficariam ali por meia hora só. Passei para as professoras como tinha sido nossa manhã, falei que a diretora tinha ligado para a mãe dela e que o combinado era que sua mãe viria depois do jantar. Enquanto falava sobre isso com as professoras, Juliana disse para uma delas: “A diretora não me deixou falar no telefone com a mamãe!”. Logo que acabei de falar sobre o combinado de a mãe vir mais cedo, uma professora que estava presente na sala fez uma cara ruim e disse: “aham, vem sim.” Não entendi a princípio o comentário, perguntei se já tinha acontecido antes de algum combinado desse tipo não ser cumprido. Tudo na frente da Juliana. Ela me disse que várias vezes a mãe dizia que viria e não vinha. Tentei encerrar o assunto dizendo para que então, nós, adultos da escola, tentássemos não falar coisas para Juliana que não pudéssemos cumprir. Não sei se foi uma boa saída, afinal, continuávamos a falar em sua presença. Mas foi o que me veio à cabeça na hora. Fiquei mexida de ter repetido para ela várias vezes que a diretora a chamaria para falar com a mãe no telefone e isso não ter sido cumprido. Talvez precisássemos trabalhar a equipe para que conseguissem metabolizar melhor a raiva que por ventura possam estar sentindo dessa família. Falar assim, na frente dela, não ajudou em nada.

Eu notei hoje uma dificuldade muito grande dos adultos da escola, dentre os quais me incluo, em ver a Juliana chorar. Quando ela passa pelos corredores chorando, todos vêm passar a mão em sua cabeça perguntando o que houve. Todos parecem, inclusive eu, ter uma tendência a tirá-la do ambiente em que está com o grupo. Na melhor das intenções, na tentativa de acolher seu sofrimento,

não estaríamos produzindo esse chororô? Choro que a faz ir ao pátio, choro que a faz tomar banho no meio da manhã, choro que a faz circular por todos os lugares da escola colada em um adulto. Esse choro parece ter muitos ganhos. O tema é, justamente, ou pelo menos parece ser, a dificuldade de separação da mãe. Ou seria a dificuldade da mãe em separar-se da filha? Porque o que parecemos ter reproduzido na escola é a dificuldade dos adultos em separarem-se da Juliana. Acredito que todos fiquem balançados com o fato de ela ficar o dia inteiro na escola. Já ouvi esse discurso circulando por aqui. Eu fico balançada. Imagino que deva ser super cansativo para ela, e acho legítima a fala dela de que preferia estar em casa no período da tarde do que na escola. Mas não sei se é disso que se trata. No início da tarde comecei a pensar que talvez falte um adulto para fazer o corte de forma mais incisiva. Função paterna mesmo. Ela estava morrendo de sono e talvez tenha faltado que alguém lhe dissesse que tinha que dormir porque nós somos adultos e sabemos que seria melhor para ela. Enfim, acho que a equipe que cuida dela durante a manhã precisa tentar se comunicar melhor com a equipe da tarde. Acho que a direção tem que ser uma só. Parece que Juliana está de alguma forma testando nossa capacidade de ampará-la. Ampará-la sustentando a lei e não subvertendo-a. Porque senão, pelo receio de deixá-la no desamparo, é que acabamos desamparando-a de fato. E todo combinado precisa ser cumprido. Que não joguemos palavras ao vento. Palavras são contratos, há de se estar atento.



GRUPO 5

Entrei no grupo 5 já com a palavra *difícil* como pano de fundo. A dificuldade em trabalhar com o grupo tinha sido abordada na reunião de equipe. Cheguei praticamente no horário de entrada da turma, momento no qual ainda não realizavam nenhuma atividade dirigida. Quando cheguei, todos se interessaram e, dando continuidade a uma brincadeira que Rafael tinha feito comigo na véspera, começamos a adivinhar os nomes dos familiares uns dos outros. As crianças pediam: “agora advinha o nome do pai da Sofia”, e em seguida eu dizia: “agora advinha o nome da minha irmã”, por exemplo. Nesse momento, não me recordo de Ricardo estar na sala. Se estava, não me chamou a atenção. Penso que chegou depois. Quando a brincadeira se esvaziou, a professora propôs um jogo de pega varetas, com as crianças em círculo. Elas se interessaram. Rafael estava na roda, mas, por algum motivo – não consegui identificar se por algum problema relacionado ao jogo -, saiu, indo sentar sozinho para ler um livro. A brincadeira de pega varetas acabou quando foi o momento de começar a roda inicial. Quando todos se arrumavam para a roda, Rafael veio pedir ajuda, pois Ricardo havia jogado uma boneca em seu braço, e, segundo ele, havia machucado. Nesse momento, Ricardo olhava pra Rafael com muita raiva, claramente expressada pelo seu olhar e modo como cerrava os dentes. Ricardo precisava ser contido corporalmente para não “avançar”, com toda sua raiva, em Rafael. A face de Rafael começou a mudar e se enraivecer, não tanto quanto a de Ricardo. Mas nesse momento Rafael cuspiu em Ricardo, talvez em resposta ao movimento violento claramente expresso no corpo do último. Ricardo cuspiu de volta. Coloquei, então, meu corpo na frente de Ricardo, e pus minha mão em seu peito. Seu coração estava acelerado demais. Propus que colocasse também a mão em seu peito para sentir como estava seu coração, ao que ele prontamente atendeu.



“Está muito rápido”, disse. Conversei um pouco com ele, disse que parecia estar com muita raiva e perguntei o que tinha acontecido entre ele e Rafael. Ele disse que estava com muita raiva de Rafael e que havia jogado a boneca. Disse que sua raiva era por outros dias que Rafael e os outros haviam batido nele, que naquele dia não havia acontecido nada. Nesse momento, a professora conversava com o grupo na roda sobre minha presença na sala, perguntando se haviam notado que tinha uma pessoa diferente hoje com eles, e me apresentando. Eu, que estava fora da roda com Ricardo, voltei com ele pra roda pra poder me apresentar - dizendo-lhe para ficar do meu lado, que depois da roda conversaríamos, eu, ele e Rafael, pra entender melhor o que havia ocorrido. O olhar fulminante entre os dois continuava e eu, que estava com a palavra, aproveitei pra falar no grupo o que havia falado pra Ricardo sobre a possibilidade de percebermos a frequência de batimentos no nosso coração em determinados momentos, como, por exemplo, esses em que sentimos raiva e temos vontade de bater nos colegas. Augusto disse então, de forma muito articulada, que a todo instante vêm pensamentos ruins na cabeça dele, o coração bate forte e dá, então, vontade de bater e aí ele bate. Achei incrível a maestria com a qual percebe seus sentimentos, e aproveitei pra colocar pro grupo que achei muito legal o que Augusto havia falado, atentando para a possibilidade de que, nesses momentos em que puderem perceber que estão tendo “pensamentos ruins”, que o coração acelerar e der vontade de bater, peçam ajuda às professoras, por que é assim mesmo, às vezes alguns sentimentos ficam muito confusos pra gente e os adultos podem ajudar nisso. Ricardo então fala: “Meu coração começou a ficar mais devagar, olha!”. Foi aí que Augusto começou a passar a mão em sua própria cabeça a fim de espantar os tais pensamentos ruins, dizendo: “sai, pensamento ruim!”. E em seguida começou a passar a mão também na cabeça de Ricardo, repetindo o mesmo movimento. Ricardo voltou a expressar sua feição de raiva, mas pôde tolerar o movimento de Augusto. Vicente repetiu o ato de Augusto, no intuito de afastar os pensamentos ruins da cabeça de Ricardo,



mas isso seria o motivo de um conflito que duraria mais de uma hora. Não estive atenta a isso naquele momento e continuei falando: “Então, grupo 5, eu me chamo Mariana, vou trabalhar aqui na escola e vim aqui hoje pra conhecer vocês, saber um pouquinho sobre como é a rotina de vocês.” Nesse momento, Augusto ensaiou uns golpes de luta. Então eu disse: “Já entendi que a luta faz parte da rotina de vocês, mas queria saber mais sobre o que vocês fazem quando não estão lutando”. Começou então uma briga entre Vicente e Ricardo. Acho que eles queriam me dizer: “não queremos falar sobre os outros momentos, o problema está justamente nas brigas, falemos sobre elas!”

Aí nesse ponto me pergunto, será que minha atuação, a partir desse momento, não colou no significante *difícil* que já habitava a sala antes da minha chegada? Quando os dois começaram a se “engalfinhar”, coloquei novamente meu corpo entre os dois, dizendo que existe uma regra, que não pode bater nos colegas e nem colocar seu próprio corpo em risco, e que essa não era uma forma aceitável de lidar com a raiva. Separei os dois e saí com Ricardo pra dar uma volta. Separei o grupo. Individualizei a questão. Terá sido a melhor estratégia? Lá fora, perguntei se ele sabia do que exatamente estava com raiva. Ele então respondeu: “Fico com muita raiva quando a mamãe briga forte comigo. Eu faço muita besteira, puxo o rabo do cachorro e ela briga muito forte e me tranca de castigo no quarto”. Perguntei se ele tinha medo de ficar sozinho no quarto, ele disse que não. Falei que devia mesmo ser muito duro quando a mamãe brigava forte com ele quando ele fazia de tudo pra chamar sua atenção. Disse que entendia sua raiva e tentei acolhê-la. Ele disse que quando passava o castigo ele ficava quietinho, pedindo desculpas pra mãe, se comportando direitinho pra ver se ela emprestava o *iPad* dela pra ele brincar. E que geralmente ela emprestava. Que o pai não emprestava e a mãe sim. Tentei não entrar muito nessa questão, só acolher sua dor, e pontuei que estava na escola, e que bater nos amigos não podia ser uma forma de extravasar a raiva que sentia da mamãe.



Tentei então pensar em estratégias possíveis naquele momento pra colocar a raiva pra fora. Lembrei-me do grito na almofada que era um recurso pra mim na infância. Disse pra ele que funcionava pra mim, perguntei se gostaria de tentar. Ele disse que sim. Fez e disse que havia sido bom, mas que continuava com raiva e ainda queria bater no Vicente. Disse novamente que bater no Vicente não era uma opção, mas que poderíamos, juntos, pensar em outras formas para que pudesse lidar com sua raiva. Ele quis voltar pra sala. Voltamos pra sala e seu olhar de raiva pro Vicente se mantinha. Perguntei, então, se ele queria mostrar pros colegas sobre o grito na almofada. Ele não deu muita bola, mas os amigos se interessaram e experimentaram também. Rafael disse que não tinha gostado muito, mas que pra ele funcionava bater na almofada. Disse que esse também podia ser um recurso. Eles pareceram gostar, esboçaram sorrisos, inclusive Vicente e Ricardo. Durou muito pouco, porém. Voltaram a se engalfinhar os dois, Vicente e Ricardo. Dessa vez saí um pouquinho com Vicente. Perguntei se estava com raiva. Disse que sim. Perguntei se sabia do que estava com raiva e ele disse: “Estou com raiva da minha mãe, porque queria dar comida pra Tetê – a tartaruga da escola – com ela quando chegamos e ela disse que não podia, que estava com pressa”. Tive a mesma conversa sobre ficarmos com raiva, disse que às vezes eu também ficava com raiva da minha mãe, mas que, depois de certo tempo, eu havia descoberto que falar sobre minha raiva ajudava a colocá-la pra fora. Ele se interessou pelo assunto e perguntou: “os adultos também sentem raiva?”. Falamos sobre isso, sobre a regra de não bater nos outros nem expor seu próprio corpo e visitamos a Tetê. Na volta pra sala, novamente o embate entre os dois. A atividade que o grupo fazia era montar palavras com letras de plástico. Sugeri que tentássemos escrever sobre a raiva e os dois aderiram à proposta. Vicente escreveu “Ricardo, eu te odeio” e Ricardo juntou algumas letras e leu: “Vicente, seu filhinho da mamãe”. Penso aí que de alguma forma era sabido que aquele embate passava pelas mães, e que estava difícil para os dois ficarem juntos, pois, de alguma forma, o outro, naquele momento, fazia reviver seus próprios conflitos.



Depois de escreverem sobre o que estavam sentindo, foi hora de mudarmos de sala. O caminho foi difícil, os dois se buscavam para o embate, mesmo com os adultos tentando manter distância entre eles. Quando chegaram na outra sala, novamente voltaram ao corpo, se agarrando numa luta. Foi aí que pensei, preciso oferecer meu corpo de outro jeito talvez, eles precisam agora um do corpo do outro e eu posso mediar unindo, não separando. Segurei os dois juntos por um momento, como que abraçando ambos ao mesmo tempo, na tentativa de dar um contorno. Ofereci umas palavras, dizendo que a relação parecia estar difícil de repente por estarem vivendo coisas parecidas. Disse que entendia que estavam precisando do corpo um do outro e sugeri que essa necessidade se tornasse um abraço. Por mais que tenhamos sustentado o abraço a três ali por um minuto talvez, a intervenção logo se esvaziou e voltaram a se bater. Estávamos todos exaustos. Eu, as professoras e com certeza o grupo e os dois meninos. Uma professora então me disse: "sabe como eu consegui resolver isso ontem?" Se dirigiu aos meninos e disse: "Vocês querem perder o pátio? Se continuarem assim não vai ter pátio pra vocês hoje." Os meninos então sentaram, um do lado do outro, e começaram a entrar na atividade proposta.

De fato, a situação estava insustentável. Em que medida será que eu criei essa cena, por conta do significativo que carreguei comigo desde o início? Será mesmo que devia ter tirado os meninos do grupo, ou devia ter seguido tentando dar contorno ao grupo, já que denunciavam um fenômeno grupal? Todos sabemos que a atitude da professora não foi a ideal, inclusive ela. Temos noção da repetição que é do castigo que a mãe do Ricardo aplica. Entendemos também que o pátio é o momento de extravasarem energias, talvez o único do dia, e que deixá-los sem esse momento só potencializaria os conflitos. Sabemos que talvez não fosse possível sustentar a ameaça: quem ficaria com os meninos enquanto os outros estariam no pátio? Enfim. Sabemos todos que não foi o ideal, mas foi o possível. Como podemos fazer pra que surjam outros possíveis que

não esse? De fato, ainda não sei. Só sei que precisamos conversar muito sobre o grupo e com o grupo pra passarmos segurança pra eles, pra que eles possam digerir sua raiva. Parece-me que o recurso corporal da luta para lidar com a raiva é algo que perpassa o grupo, para além das questões individuais que possam estar relacionadas ao fato. Como trabalhar isso no grupo? A diretora sugeriu histórias que tratem do tema. Acho uma boa opção. Pensei sobre a possibilidade de eles terem mais atividades corporais na rotina, talvez seja outra opção. Vamos pensando, juntas, sempre com a certeza de que não estamos sozinhas. A diretora sugeriu que entendamos que o grupo é trabalhoso e não difícil. Acho a percepção de uma delicadeza muito importante. Deixemos o significativo *difícil* do outro lado da rua.



O PEDAGÓGICO EM SEGUNDO PLANO

Percebo que as demandas administrativas - chamemos assim - são muitas e atravessam o tempo todo a coordenação. Geralmente quando procuro a coordenadora, ela está assoberbada de trabalho. Observo as demandas. Em geral são materiais perdidos, encaminhamentos para outras escolas, circulares a serem enviadas para os responsáveis, dentre outras coisas desse tipo. Sempre pergunto se tem um tempo, e ela tenta conciliar as demandas que trago com as que já tem. Contudo, me sinto sempre atrapalhando, afinal a "realidade" está sempre batendo à porta. Meu desejo é de trocar com ela sobre possíveis intervenções pedagógicas a partir das singularidades de crianças ou grupos que vêm me chamando a atenção, mas as discussões às quais atribuo importância nunca avançam. Pelo que observo, sua percepção frequentemente difere das minhas, ou talvez o que eu trago não pareça tão importante, não sei. Ou ainda, talvez ela reconheça como importantes as demandas que trago, mas se sinta obrigada a resolver coisas que alguém - ela própria, a direção, ou até mesmo os responsáveis das crianças - julga mais urgentes, não sobrando tempo para o que vem em "segundo plano".

Tudo isso muito me intriga porque considero que a escola tem muitos profissionais na coordenação/direção. Não sei se é por falta de profissional. Uma coisa que vejo é certa tendência da escola em oferecer excesso de zelo às famílias. Elas ligam solicitando o e-mail da escola nova (que provavelmente está no site da escola) que já havia sido enviado por circular, por exemplo. E a escola dá! A coordenação liga de volta para dar, não é nem a secretária. Parece-me que a equipe "se vira nos 30" pra atender senão todas, a maioria das solicitações.



Enviar o planejamento pra casa, por exemplo, é algo que eu não compreendo. Um dia uma professora faltou, não tínhamos o planejamento dela. Poderíamos resolver a situação internamente, mas a questão que ficou pra coordenação foi: e qual planejamento vamos passar para os responsáveis?

Acredito ser muito importante a parceria escola-família. Essencial na verdade. Mas acho que por vezes tal parceria vira dificuldade de dar limites e atrapalha nosso trabalho. Tentamos contornar situações que aparecerão para as famílias e por vezes acabamos pecando no pedagógico no dia a dia. Alguns educadores, por exemplo, têm uma conduta pedagógica completamente discrepante do discurso da escola. Isso me parece mais urgente do que uma reformulação no planejamento de última hora para ser enviado aos responsáveis, que provavelmente nem vão ler.

Enfim, fico aflita com essas questões. Escrevo cheia de afeto. Me aflige ver a frequência com que teoria e prática se afastam. É obvio que sempre se afastarão. Por isso a importância da tão necessária formação continuada. Contudo, acredito que possamos minimizar as distâncias. Acho por exemplo que ver o planejamento, mas não ter tempo para ver no que ele se transforma na prática é bem ruim para o trabalho pedagógico.

Não acho que seja culpa da coordenadora, acho que é um analisador institucional. Talvez precisemos pensar sobre isso. Afinal, qual é a função de uma coordenadora pedagógica? Acredito que alguém precise acompanhar de perto as atividades desenvolvidas pelas professoras. Quando digo isso, não é com a ilusão de que semanalmente a coordenadora vá acompanhar uma atividade de cada grupo – embora ache que isso seria o ideal –, mas se isso acontecer uma vez por mês já é um ganho tremendo! Para a equipe e para a própria coordenadora, que provavelmente ficaria feliz em desempenhar a função de orientar mais de perto a equipe no que se refere ao pedagógico.



COMO É DIFÍCIL PARA NÓS A SEXUALIDADE INFANTIL

Nesta semana Priscila me chamou na sala onde as crianças dormiam: “Mariana, quando você puder vem aqui ver uma coisa?”, disse ela. Fui, e vi que Clara - quatro anos - se masturbava. Priscila então me disse: “Desde que cheguei à escola, me passaram que era pra eu não fazer nada nestas situações, mas eu fico incomodada com os pais que passam e veem, todo mundo vê e parece que a gente não está fazendo nada”. Concordei com ela que era necessário intervir, pois tal situação estava expondo Clara e também porque a noção de intimidade é algo que se constrói ao longo da produção subjetiva, necessitando, portanto, da mediação de um outro que transmita isso à criança. Deitei então no colchão, do ladinho dela, e comecei a fazer carinho em sua cabeça. Ela suava muito, demais, estava ensopada eu diria. Era sinal de que se tocava incessantemente desde o início do período destinado ao sono. Disse-lhe então: “Clara, sei que isso que você está fazendo é muito gostoso. Mas sabe? Tem coisas que a gente precisa fazer na nossa intimidade, você sabe o que é isso?” Ela disse que não, mas me olhava muito atenta e tinha parado de se tocar. Continuei, então, “intimidade é algo que a gente guarda pra gente, ou compartilha só com pessoas muito próximas. Tocar o corpo desse jeito é algo íntimo, que você pode fazer na sua casa, quando estiver no banho, no banheiro, ou no seu quarto, por exemplo. Mas a escola não é um bom lugar pra isso, porque tem um montão de gente. Agora é a hora do descanso, você acabou não descansando, né? Você tá cansada? Quer dormir um pouquinho?”. Ela me disse que não e continuamos deitadas um pouco, nos olhando e eu fazendo carinho na cabeça dela. Logo o horário do descanso acabou e todos desceram. Momentos depois, passei por ela no pátio

e ela veio correndo me abraçar. “Mariana!”, disse ela antes de um abraço apertado. Recebi aquilo como um “obrigada por me dizer algo que ninguém antes me havia dito. Sentia que algo estava errado pelos olhares e comentários, mas não entendia o que nem porque”. Essa foi só a minha fantasia sobre o mundo interno dela. Risos. Talvez muito baseada na noção de palavra verdadeira da Doltô. Pode não ter sido nada disso.

Com relação às educadoras, que, muito incomodadas, diziam: “nunca vi uma criança fazer isso antes, isso é normal?”, conversei um pouquinho com elas, falando sobre a diferença entre a sexualidade infantil e a sexualidade do adulto. A criança descobre que tocar determinada parte do corpo é gostoso, mas ela não se toca pensando no Joãozinho da esquina, brinquei. Ela se toca porque dá prazer e precisamos construir com ela a noção de que tem lugares mais adequados pra ela fazer isso. Mas, como sempre no corre-corre habitual das escolas, foi uma intervenção muito pontual, nem de longe esgotou as dúvidas delas sobre isso.

As crianças precisam aprender sobre intimidade, privacidade e também sobre interditos, não nascem com essas noções prontas. Na nossa sociedade não é permitido, por exemplo, que as pessoas se masturbem em público, assim como não é permitido que agredam uns aos outros. Ora, se tentamos construir com as crianças a necessidade de não agredirem umas às outras, por que não podemos também transmitir-lhes a noção de privacidade/intimidade no que tange a sexualidade, dentro do contexto das regras básicas de convivência? É sempre um manejo delicado, com certeza eu nem usei as melhores palavras, não é fácil pra ninguém escolher as palavras para usar nesses momentos, mas acho que tem que ter palavra. Faltar palavra é deixar no abandono.



E O DESFRALDE?

Damos início ao processo conversando com a criança sobre a passagem de ser bebê para ser criança, enfatizando as potencialidades que o crescimento traz: correr mais rápido, falar mais palavras, jogar jogos... Nesse momento de transição, podemos contar histórias sobre a temática do desfralde, convidar a criança para incursões ao banheiro da escola para que veja como é o processo de fazer xixi e cocô no vaso e inserir o assunto nas brincadeiras simbólicas. A partir de trocas com a família sobre os sinais que a criança vem dando no sentido de estar preparada para o desfralde, anunciamos – tanto em casa como na escola – a chegada deste dia para a criança: “Você está virando uma/um menina/menino crescida/crescido, já não é mais bebê e nós achamos que já está pronta/pronto pra aprender a usar o banheiro, olha que legal?!”. É bacana anunciar isso fazendo deste momento um evento especial, que instigue a criança no sentido da autonomia, para que ela fique orgulhosa de seu próprio crescimento. A família pode escolher junto à criança as calcinhas/cuecas que ela vai levar pra escola ou escolher antecipadamente qual vai ser a primeira calcinha/cueca que ela vai usar na vida, por exemplo. O importante é envolver os pequenos no processo, apontando sempre pro ganho de autonomia. Geralmente fazemos primeiro o desfralde diurno; o noturno é outra etapa. Portanto, a fralda continua durante a noite de sono.

Na escola, nossa estratégia é antecipar essa necessidade para a criança de hora em hora, mais ou menos. Costumamos perguntar se as crianças querem fazer xixi ou cocô, mas observamos que muitas vezes é comum que elas se neguem por estarem entretidas com o que estão fazendo. Então, se percebemos que isso está acontecendo, mudamos nossa fala: “vamos ao banheiro ver se tem xixi ou cocô querendo sair!?”. Aí não está mais no campo da escolha para

elas, é um limite importante. Elas já estão perdendo muitas coisas ao deixarem de ser bebês, perder a brincadeira pra ir ao banheiro por vezes é custoso demais. Nesse sentido, nessas situações, gentilmente acompanhamos nossos pequenos ao banheiro e ficamos junto, esperando um tempo pra ver se tem algo pra sair. Assim eles vão percebendo, aos poucos, essa necessidade.

Mesmo que antecipemos essa necessidade pra eles, por vezes vai haver escape. É natural! É importante que não façamos grande alarde e que os chamemos para ajudar a limpar. Algo do tipo “opa, escapuliu um xixi, mas acontece! Vamos limpar?”. Isso faz com que as crianças tenham que parar a brincadeira de todo modo pra limpar o xixi, e as ajuda a internalizar que é necessário ir ao banheiro. A passagem de bebê pra criança implica em perdas e é esperado que elas apresentem dificuldades de lidar com a frustração. Nós, adultos, precisamos sustentar que perdas fazem parte da vida e que não ser o centro do universo nos traz o grande alento que pode ser viver em sociedade. Nesse período é fundamental que os pais possam fazer seu luto pelo bebê que estão perdendo: esse filho cresceu, nunca mais vai ser o bebê da mamãe e do papai, mas as memórias das vivências do filho bebê seguirão vivas e ser pais de criança crescida também é muito legal!

Seguir lendo livros sobre o tema e inserindo o assunto em brincadeiras simbólicas com bonecos (“ih, acho que a boneca quer ir ao banheiro, está apertada pra fazer xixi”, por exemplo) é importante no sentido de trazer leveza ao processo, fazendo dessa uma temática divertida e lúdica. Como em todo processo, cada criança é única e vamos acolhendo essa mudança de forma tranquila e respeitosa.



GANHANDO PALAVRAS

Desde a gestação até os primeiros dois anos de vida, o bebê humano é completamente dependente. Em um primeiro momento, a dependência é absoluta, na medida em que o bebê nem sequer se dá conta de que é uma pessoa separada do ambiente, não sendo capaz de perceber, portanto, a dependência que tem do outro.

Em um momento posterior, que geralmente se inicia por volta do sexto mês de vida do bebê, a dependência torna-se relativa. Isso significa que o bebê começa a se dar conta de que é dependente e que, portanto, existe um mundo interno e um mundo externo. O bebê começa a perceber que sua pele circunda seu corpo, assimilando, aos poucos, a noção de que constitui uma unidade separada do mundo.

Nesse momento ele já é capaz de suportar a ausência de seus cuidadores por alguns instantes, na medida em que consegue mantê-los vivos dentro de si por certo período de tempo. Dessa forma, suas angústias e demandas não precisam mais ser prontamente atendidas, mas, se demoram tempo maior do que pode suportar, o bebê entra em angústia. Nesse segundo momento, é importante que os cuidadores vão, pouco a pouco, retornando seus olhares e interesses para o mundo, pois isto propicia também o investimento do bebê no mundo externo, na investigação de objetos e na percepção dos outros sujeitos. Contudo, esse retorno dos cuidadores para o mundo não deve se dar de forma abrupta. Trata-se aqui de minutos, e não de horas.

Passados os períodos de dependência absoluta e dependência relativa, por volta dos dois anos de idade, a criança vai se tornando capaz de lidar com as complexidades do mundo devido ao fato de estar cada vez mais segura do que carrega dentro de si própria.



Esse período que se inicia aponta para a possibilidade de a criança se identificar com a sociedade local, na medida em que esta também compõe seu mundo pessoal. A entrada na escola neste momento seria adequada emocionalmente para a criança, posto que esta já ensaia momentos de separação de seus cuidadores e de sua casa, investindo no alargamento de seus círculos sociais e no desejo por ampliar seus conhecimentos sobre o mundo e sobre si própria.

Nessa fase geralmente a criança já assimilou a noção de que ela é uma pessoa e começa a se perceber como eu. É nesse momento que a linguagem verbal aparece. Apesar de já se perceber como uma pessoa separada do mundo, sua percepção sobre os outros ainda é rudimentar. A criança nesta idade ainda não desenvolveu um senso de responsabilidade diante de seus atos para com o outro/mundo e, por vezes, poderá ter atitudes destrutivas voltadas para um objeto ou alguém que ame. Aos poucos, ela vai percebendo que às vezes sentimos raiva das pessoas que amamos ou nos incomodamos com objetos que geralmente nos dão prazer. Ou seja, descobre que podemos sentir coisas diferentes por uma mesma pessoa e/ou objeto sem precisar destruí-lo quando estamos com raiva. É então que geralmente as respostas físicas passam a ganhar palavras, e as crianças conseguem nomear o que sentem. Podem dizer para um colega de turma que não gostaram de determinada atitude, sem precisar destruí-lo. Nosso papel é ampará-las nessa trajetória rumo às palavras.



DAVID E JUCY

A relação com David tem sido de difícil manejo. Ele transgride os limites o tempo todo. Esconde-se embaixo de bancos e do escorrega, sai da sala sem avisar aonde vai e, muitas vezes, sem o adulto ver. Parece querer que o adulto sinta sua falta e que fiquemos correndo atrás dele, dando atenção exclusiva. Sinto como se as autoridades se desgastassem com facilidade. Quando um adulto de referência chega, ele escuta, atende às solicitações e é muito carinhoso. Depois de pouco tempo começa a testar nossos limites, talvez na tentativa de conferir se “perderemos a cabeça”. Tentou bater em mim, cuspiu na professora e talvez outras investidas mais, que desconheço. De fato, nos descentra. Ao mesmo tempo, é bastante sensível e muito carinhoso.

Fui sua dupla no passeio que fizemos pelo bairro e tivemos momentos prazerosos, nos quais me mostrava com encanto borboletas e flores pelo caminho. Quando voltávamos para a escola quis soltar minha mão de qualquer jeito, dizendo “não quero voltar pra escola, não quero voltar pra escola!”. A professora me relata um ataque frequente às coisas da escola. Destroí objetos de uso comum, mas nunca os seus próprios ou os dos amigos. Desenhos e produções dos amigos já vi ele destruindo, mas realmente nunca vi destruir os objetos.

Cheguei na escola na terça-feira e David estava sentado na sala da coordenação desenhando. A coordenadora estava na sala com ele, em outra mesa. Perguntei a ela por que David estava ali, ao que ela me respondeu que outra coordenadora havia combinado com ele que sempre que sentisse que não ia dar conta de ficar no grupo, que ficasse nervoso ou algo do gênero, fosse lá procurá-las. Em seguida me disse que acha que as pessoas estão sem paciência





para ele (num sentido culpabilizante, como se a equipe estivesse fazendo corpo mole). Soube posteriormente que a educadora Maria foi quem o levou à coordenação. Conversei com Maria tentando entender o que a levou a fazê-lo e achei de uma sensibilidade interessante: ela diz ter levado David lá numa tentativa de que outra pessoa a ajudasse. Ela me relata isso, mas parece não ter clareza de sua atitude, questionando-se sobre o que havia feito. Pergunto para ela se percebe a diferença entre levá-lo para a coordenação porque está “aprontando” e deve ser punido ou levar uma notificação em sua caderneta, e recorrer à coordenação porque às vezes as relações ficam desgastadas e esbarram em pontos que na hora não conseguimos contornar e precisamos da mediação de um terceiro. Conversamos sobre isso e ela pareceu mais segura de sua atitude. Achei importante colocar isso pra ela, para que da próxima vez conseguisse se colocar melhor para a coordenadora, por exemplo, para que esta não ache que tem a ver com falta de paciência ou algo do tipo.

Daí fico sabendo de outra situação. Maria vem colocando David para dormir à tarde. Diz que por vezes ele já dormiu debaixo do escorrega, sentado num banco, ou em outros lugares inusitados. Relata que quando o coloca para dormir ele apaga em menos de 5 minutos. Entende que sua agitação possa ser também devido ao cansaço.

A mãe de David é Jucy, que é também educadora da escola. Maria me conta sobre seu relacionamento com Jucy - não eram amigas, mas colegas de trabalho com alguma intimidade para brincadeiras. Diz que sempre perguntava à Jucy se era para dar banho em David, ou algo referente a seu cuidado, e que Jucy também a procurava para as devidas orientações. Já se confundiam aí a Jucy mãe e a Jucy profissional, algo corriqueiro nas escolas de educação infantil. Aponto isso para Maria, dizendo que tais comunicações deveriam ter sido via agenda desde o princípio.



Recentemente, Jucy procurou a coordenadora para conversar sobre a questão do sono de David, dizendo que estão forçando seu filho a dormir, e que dormir 40 minutos não teria problemas, mas que dormir durante 2h era demais. A coordenadora a orientou a fazer a solicitação pela agenda e procurou Maria, nesse meio tempo, dizendo que queria conversar com ela. Acredito que Jucy tenha feito a solicitação pela agenda, a coordenadora não soube me dizer. Fato é que Maria me procurou dizendo que Jucy não fala mais com ela, e que acha que está chateada por conta da questão do sono de David. Diz que a conversa com a coordenadora nunca aconteceu e fica conjecturando para mim as possibilidades de conteúdo de tal conversa. Digo para ela que acho interessante que pergunte à coordenadora sobre o que queria conversar e que busque também Jucy para entender o que está havendo. Ela pede ajuda para lidar com essa situação.

Jucy, a mãe: Reparo que Jucy vem mudando suas atitudes quando encontra o filho pela escola. Talvez pelo trabalho da professora, que incentiva o contato quando possível, e coloca o limite quando acha que não cabe. Jucy e David tem trocado mais carinhos ultimamente, o que praticamente não acontecia. É frequente que a mãe passe e algum adulto esteja sozinho com David, fora do grupo. Comigo mesmo já aconteceu diversas vezes. Seja tentando levá-lo para o almoço, fazendo com que ele saia debaixo de um banco, ou procurando-o numa de suas escapadelas. Acredito que seja angustiante para a mãe ver seu filho tão em evidência. Provavelmente pensa sobre o que estamos pensando dela enquanto mãe, ou como seu filho é "mal-educado", ou como há uma perseguição com ele. Não sei, mas provavelmente muitas fantasias afloram desses encontros. Acho que precisamos cuidar de Jucy antes de tocar nas questões do David. Falar sobre essa difícil experiência de trabalhar na mesma instituição na qual seu filho estuda, da confusão entre esses papéis de profissional e mãe... Enfim, escutá-la.

DAVID, SUA PROFESSORA E A COORDENAÇÃO

A professora vivia uma semana, a seu ver, de conquistas interessantes com o grupo, que estava cada vez mais atento e engajado em suas propostas. O único “problema” era David. Não tomava tanto isso pra si, pois acredita que os problemas pessoais das crianças lhe escapam, não há que tentar dar conta deles na escola. Ao pedirmos seu planejamento e orientarmos que estivesse sempre atenta e ao lado de David, sentiu-se como se estivessemos apontando-a como culpada pela situação. Isso não lhe caiu bem, pois não havíamos sinalizado anteriormente nenhuma questão em seu planejamento, tudo parecia ir muito bem com seu trabalho. Como sei disso? Ao vê-la com um ar tristonho esperando para ir ao banheiro, me aproximei, perguntando como se sentia. Ficou defendida de início, mas logo começou a chorar e a me contar sua perspectiva da situação. Tentei acolher um pouco sua fala e seu incômodo, mas outras tantas coisas aconteciam na escola, tivemos que ser breves. Muito simpática, me mandou um e-mail agradecendo pela conversa.

Percebo que talvez exista a dificuldade de pensar o coletivo e o individual concomitantemente. Essa, aliás, é uma dificuldade muito comum na educação infantil. É difícil pra caramba mesmo. Mas me parece ser imprescindível partir do princípio de que se uma criança do grupo não vai bem, precisamos levar isso em consideração ao planejarmos as atividades do grupo, posto que ela é uma integrante do grupo! Gostaria até de trocar mais com as pedagogas pra saber o que pensam. Eu não tenho nenhum domínio nesse campo, por isso acho que a construção tem que ser coletiva, transdisciplinar. Temos no momento uma questão com David, o manejo está difícil.





Como podemos nos unir pra traçar estratégias nem puramente psicológicas, nem puramente pedagógicas? Não nos faltam profissionais, me parece que o mais difícil é a comunicação entre a gente.

A orientação que a coordenação e a direção geralmente dão de que o educador se mantenha perto, mais atento àquele que morde/bate/foge, é complicada. Eu estava na sala na hora em que mordeu um amigo outro dia. É muito rápido, não há indício nenhum de que ele vá fazer isso. Estava tudo aparentemente bem, e de repente ele mordeu. Se colamos nele, sua irritação piora. E também não acho que a direção proposta possa ser colar nele de forma polícialasca. As educadoras ficam meio de mãos atadas, sem saber o que significa ficar mais atenta, ou próxima a ele. Elas já estão! Isso podemos ter certeza. Nenhum adulto responsável que fique na sala com ele vai deixar de estar atento a ele, sabemos do momento delicado que vive. Mas mesmo atentos é difícil evitar e antecipar essas mordidas.

Outra coisa que ficou pra mim nas entrelinhas é que essa situação pode estar gerando uma espécie de mal estar por parte das professoras com relação à Jucy e ao próprio David. Elas ficam muito identificadas com quem foi mordido. Tentei apontar pra elas como quem morde também sofre, que também é muito difícil pro David precisar chamar a atenção desse jeito, que ele também precisa de cuidados na hora em que morde (o que não significa deixar de repreender a mordida!). Na própria terça tentei fazer um momento de reparação, de ele passar pomada no amigo mordido. Ele fez com empenho. Mas não sei se a professora compreendeu essa proposta, ela teve uma fala como se todos do grupo pudessem passar a pomada, porque todos pediram. Eu pontuei pro grupo que não, que David estava fazendo porque ele havia mordido e agora estava cuidando do colega, que era preciso que ele desse conta dessa tarefa. Porque senão ia virar uma brincadeira, e o que acontecia ali era muito sério. Enfim, ela disse pra mim que não entende nada dessa parte "psicológica". Acho que precisamos ir cuidando dela pra que ela desenvolva esse tipo de cuidado.

DAVID, JUCY E OS LIMITES

Quarta-feira foi um dia especialmente difícil com David. Seu incômodo aparentemente começou na oficina de culinária. Chorava, pois queria colocar todos os ingredientes, segundo a professora. Quando colocou a mão na massa parou de chorar e ficou entretido e animado. Dali em diante começou a “fugir” do grupo, queria ir para outra turma que estava vendo um vídeo. Disse-lhe que não podia decidir por si, que precisaria retornar ao grupo e combinar algo com sua professora. Ficou bastante resistente e corria de mim, indo para a sala de funcionários, onde estava sua mãe. Jucy comia um hambúrguer e tomava refrigerante. David pedia sua comida sem dizer nada, só com um movimento corporal e alguns “grunhidos”. Jucy tampouco disse nada. Eu, então, disse-lhe que esse não era seu almoço, que almoço de criança não era ali, que tínhamos que voltar para o grupo. Ele então pegou o refrigerante e bebeu um gole, esgarçando o limite posto por mim, mas não comeu. Saímos. A impressão que tive foi de que a mãe daria seu almoço pra ele. Fiquei com a sensação de estar cuidando de duas crianças: uma grávida que comia um lanche *fast food* em pleno almoço de quarta-feira e um menino clamando por limites. Depois de se esconder no pátio, tentar cuspir em mim e etc, David subiu para o almoço. No caminho, abaixou as calças de Catarina, uma menina de outra turma. Quando chegou lá, se envolveu em uma confusão com Lucas, na qual ele provavelmente tinha lá seus motivos, o que se tornou impossível de perceber devido ao soco muito forte que deu no menino. Tinha muita raiva no soco. Era um soco muito “articulado” pra um menino de cinco anos, me chamou a atenção. Tive que contê-lo fisicamente nesse momento e fomos nós dois para outra sala. Ele chorava muito. Comecei, então, a conversar com ele sobre como ele não precisava chamar a atenção dessa forma tão negativa na escola, que nós aqui percebíamos o

quanto era inteligente, carinhoso... ele parou de chorar e arregalou os olhos com muita atenção. Por um momento pensei "talvez essa abordagem tenha eco". E teve, mas por uns cinco minutos apenas, durante os quais ele se acalmou. Durante esse tempo, combinamos que íamos então voltar para o almoço e que ele poderia escolher o prato em que queria comer (a confusão com Lucas tinha sido por conta disso) e poderia se sentar junto ao grupo, desde que se mantivesse calmo, como já estava. Voltamos então e tudo ia bem, servimos a comida conversando, com tranquilidade. Eis que ele pega um garfo e não uma colher. Todo dia ele tenta comer de garfo e a escola tem uma regra sobre comer com a colher. Fico na dúvida realmente sobre isso, se devemos insistir que coma de colher, mas as professoras presentes tem um ponto que achei importante: é uma regra do grupo, não podemos burlar mais uma regra com ele. Fato é que nessa hora, quando dissemos que comeria de colher, ele empurrou o prato, a comida caiu quase toda, e pronto, mais uma crise. Mais uma vez contornamos, sendo bastante firmes com ele, sem conversa dessa vez. Durou certo tempo, mas depois ele comeu. Tem dias que saímos frustrados da escola. Parece que nossa mediação foi em vão e que nunca conseguiremos contornar a questão. Ainda bem que sempre tem um amanhã.



ESCU TA INDIVIDUAL

Tivemos nesta semana dois encontros individuais com professoras e uma reunião de equipe. Foi muito bom poder dividir minha experiência de insegurança com uma criança no contexto da reunião, trocando percepções sobre o ocorrido com a professora em meio ao grupo. A experiência é outra. O processo de estar no grupo, falar no grupo, para o grupo, propicia, sem dúvidas, uma experiência bastante enriquecedora. Contudo, acho que só me foi possível falar sobre minha insegurança perante o grupo pois já tinha compreendido um pouco mais sobre ela ao trocar com a diretora no dia anterior.

Fiquei imaginando essa experiência do ponto de vista das professoras, que devem ser atravessadas o tempo todo por sensações de insegurança, por raiva, medo e confusão diante do infantil da criança que mobiliza tanto o infantil que há em nós. Diante de tantas angústias, parece-me que algumas simplesmente se calam no contexto do grupo. É nesse sentido que ressalto a importância das conversas individuais com as professoras. Elas me trazem por vezes suas angústias quando entro em sala. Muitas vezes transbordantes. Penso nesse espaço individual como uma forma de dar sentido e acolhimento à angústia, sem transbordamento. Proporcionar escuta. Foi tão bom pra mim ser escutada a respeito do meu “ponto cego” com Guilherme. Bem sabemos que muitas vezes nem é necessário ouvir nada de volta. O fato de sermos escutados é capaz de produzir em nós um apaziguamento da angústia.

Mas e o tal tempo da escola, da rotina? Tudo sempre parece corrido e parece nunca haver tempo para essas trocas individuais. É uma sensação que me gera angústia. É como se na escola essa garantia da escuta estivesse mais dificultada pela rotina. Que temporalidade é essa que tomou conta da maioria das escolas e que é tão difícil de lutar contra? Como dar importância ao que realmente importa?

TRABALHANDO EM MICRO EQUIPE

Nesta semana Sofia, uma educadora, me procurou, queria conversar. Chamou-me lá de cima, fiz sinal pra esperar, daqui a pouco subiria. Quando cheguei para perguntar o que havia acontecido, ela estava transbordando, parecia que sentia raiva, medo, culpa, tudo ao mesmo tempo. Dizia: "Vou ter que pedir pra mudar de turma. Pela primeira vez vou ter que pedir pra mudar de turma." Ela estava no sono das crianças, junto com outra educadora, e dali a pouco seria seu horário de almoço. Perguntou-me se poderíamos ir pra outra sala para conversar, pois falávamos no corredor. Consenti. Pedi que tentasse se acalmar para explicar-me o que havia ocorrido. Ela acabara de "bater boca" (palavras dela) com Sandra, uma das educadoras de sua micro equipe, no almoço das crianças. Disse-me que estava muito difícil trabalhar nessa equipe, que agora achava que Marlene e Sandra estavam se juntando contra ela. Enfim, foi desabafando e dando sentido pra sua raiva, até aparecer a culpa. Culpa por não conseguir falar o que pensa de um modo doce, por ser "áspera" (também palavra dela) com as crianças e principalmente com os adultos. Ela estava muito preocupada com a turma da manhã, com medo de que mais "coisas erradas" acontecessem – pois tem havido reclamações sobre troca de roupas e sobre a forma de conduzir o almoço. Fui colocando pra ela que a responsabilidade não seria só dela se outras coisas acontecessem, que tanto a professora, como nós mesmas da gestão também arcaríamos com os possíveis "erros". Sinalizei pra ela mais de uma vez que estava ciente das dificuldades da turma da manhã, que elas não estavam sozinhas. Conversamos durante boa parte do almoço dela. Apontei a semelhança entre as três: acho que todas têm dificuldades no trato com os outros.





Sofia consentiu. Disse que Priscila também havia apontado a semelhança entre ela e Sandra. Sofia usou a frase: "é como se eu estivesse olhando num espelho!". Achei muito bonitos os *insights* dela, a forma como me procurou, suas emoções ali, sempre muito presentes, sua entrega à experiência do trabalho. Disse-lhe que de forma alguma achava que podia perder essa oportunidade que a vida estava lhe dando, de poder se ver um pouco de fora, e que o trabalho com essa equipe a faria crescer muito. Poderia não ser fácil, mas com certeza traria crescimento.

No dia seguinte procurei Sandra, perguntei como ela estava se sentindo nessa micro equipe. Disse-lhe que Sofia havia me procurado no dia anterior, mexida com uma situação que havia ocorrido entre as duas e que imaginava que ela também não tivesse ficado bem. Conversamos, ela me disse o quanto havia ficado incomodada. Perguntei se tinha disponibilidade emocional para conversar com Sofia, ela disse que não. Que toda vida tinha aprendido a "resolver" os conflitos passando por cima deles, como se nada tivesse acontecido. Era assim que resolvia as desavenças com sua mãe. Na véspera havia perguntado o mesmo para Sofia, que também disse não ter tal disponibilidade, pelo menos por ora. Disse para as duas que da mesma forma como incentivávamos as crianças a se comunicarem para tentar resolver os conflitos, os adultos também deveriam tentar exercitar o diálogo. Apontei a oportunidade de crescimento pessoal também do adulto no trabalho na escola.

Mais tarde, no mesmo dia, Jéssica me procurou. Também para conversar sobre as relações entre a micro equipe da turma da manhã, num pedido de ajuda. Dificuldades de relacionamento com Marlene. Minha fala foi bem parecida com as três. Tentei promover o diálogo. Perguntei à Jéssica se ela não achava uma boa ideia falar sobre as dificuldades que tinha com Marlene com a própria Marlene e, curiosamente, Jéssica sorriu. Não havia pensado nisso. Bingo! Ela tinha essa disponibilidade.

Falei para as três que achava importante conversarmos todas juntas, que estava ali disponível para ouvir cada uma, mas atentei para o risco do “telefone sem fio”. Coloquei para elas a dificuldade de operacionalizar essa conversa por conta da rotina, e disse que, mesmo se não fosse viável, continuaria por perto, tentando ajudar na construção dessa equipe. Achei tudo isso muito bonito. As três tocadas de uma forma que só se vê em quem está de fato atravessado/encantado/engajado pela/na prática. Sigamos trabalhando nessa equipe, acredito que teremos boas surpresas. Sempre tendo em mente que muitas vezes o que ouvimos não é o que o outro disse e o que dizemos não é o que o outro escuta.



MENOS DISCIPLINA, MAIS LIMITES CLAROS

Como já havia apontado na semana passada, quando entro no integral tenho a sensação de que algo não vai bem. A equipe parece ocupar o lugar do general que se esforça para manter tudo sob controle. Na última quinta, presenciei algumas situações que me incomodaram. Por exemplo, uma peça de quebra cabeças retirada da mão de uma criança que imaginava que esta era um gancho, sob o argumento de que “este brinquedo não é pra brincar deste jeito”, e uma queixa da professora para mim sobre o fato de uma mãe ter reclamado que no integral estavam obrigando sua filha a comer, dando a entender que a menina tinha feito “fofoca” pra mãe. Tentei questionar um pouco a professora, mas não sentia o momento adequado, já que o grupo tinha acabado de almoçar e eu também não estava me sentindo bem ali. Enquanto as crianças escovavam os dentes, Alexandre começou um “jogo” comigo que me chamou muita atenção. Começou a dizer “não, não, não” e eu olhei pra ele e disse “sim, sim, sim”, outras crianças foram aderindo à brincadeira e foi muito curioso, notei que as que mais eram repreendidas diziam “não, não, não”, enquanto as meninas “mais calminhas” diziam “sim, sim, sim”. Comecei eu a dizer “sim, não, talvez, não, sim...” e ficamos assim por um tempo. Isso pra mim foi como uma espécie de comprovação por parte dos pequenos do que eu já estava sentindo. Não pode nada, ou alguns não podem nada. Pode ser exagero meu, mas era assim que eu estava sentindo. Precisava muito compartilhar com alguém, aquilo não me fez bem, não sabia como intervir na situação. Procurei a diretora, mas ela só chegaria na escola mais tarde. Resolvi então compartilhar minha angústia com a coordenadora.





Ela disse que não percebe como eu, que percebe Milena, a professora, se relacionando de forma afetiva com as crianças. A coordenadora apontou a possibilidade de Milena mudar um pouco seu comportamento em minha presença por eu ser da equipe de gestão, o que poderia deixá-la nervosa. Sugeri que eu tentasse acompanhar o grupo mais de fora. Disse-me, também, que quando perguntava pra Milena como estava tudo, ela sempre dizia que estava tudo bem, não solicitava muito ajuda. A conversa foi boa, desabafei. Mas não concordei muito com o que a coordenadora havia dito, pensava o contrário: eu estou muito dentro desse grupo, era mais provável que ela agisse diferente na presença da coordenadora do que na minha, ou mais, não necessariamente na presença de um ou de outro, mas nos diferentes contextos. A coordenadora costuma vê-los no pátio, segundo ela, enquanto eu tenho acompanhado momentos mais “tensos” da rotina, como o almoço, escovação de dentes, etc. Percebo que Milena fica nervosa, querendo fazer tudo “certo”. Fui então ouvir a auxiliar de Milena. Perguntei como estava sua rotina, tanto no integral da manhã como no da tarde, como estava o relacionamento entre a equipe. Priscila, como de costume, falou. Falou tudo que a incomodava e sua fala bateu com minha percepção. Disse que sentia uma diferença enorme da manhã pra tarde. Que sentia confiança na Juliana, mas não sentia confiança em Milena. Diz que todos estão percebendo e comentando as dificuldades de Milena, mas que ela não queria falar nada porque sabe que ela é uma boa pessoa e não queria prejudicá-la. Disse-lhe que não se tratava de prejudicar, que se ela sentia que havia dificuldades, eu estava ali para tentar ajudar. Perguntei então sobre a relação entre elas. De início, Priscila disse que estava tudo bem. Perguntei se haviam conversado sobre o desentendimento que eu havia presenciado entre elas no ano anterior e ela contou que Milena disse-lhe que havia se sentido humilhada, desautorizada, e que agora elas estavam bem, cada uma na sua. Retruquei: obviamente vocês não estão bem, né? Ao que ela consentiu. Acredito que esse mal estar entre as educadoras da micro equipe contribua para a sensação de tensão que percebo no grupo.



Bom, depois de conversar com Priscila pensei que precisava conseguir acessar Milena. Acho que ela está muito preocupada em se sair bem e pode estar tomando um caminho tortuoso. Fui, cheia de dedos. Esperei o momento do descanso do grupo e pedi para falar um pouquinho com ela do lado de fora. Perguntei como estava tudo, ela começou dizendo que estava tudo bem. Falei com todo cuidado, que às vezes parecia que estava um pouco puxado vindo de fora, que parecia estressante, enfim. Ela abriu a guarda! Disse que no início foi muito difícil (detalhe que no início do ano eu havia perguntado a ela e "estava tudo bem"), mas que agora estava mais tranquilo, que ela estava pegando o jeito. Porém, contou-me que sua imunidade baixou, que ela está ficando muito doente. Fui então por essa via, disse que achava que ela se preocupava demais em acertar e que talvez esse não fosse o melhor caminho (pelo menos não acertar no sentido de controlar), mas que ela pudesse se deixar envolver com essa experiência, que fosse prazeroso também pra ela. Nesse momento ela disse que gosta de crianças e eu aproveitei para reiterar o que havia dito, pra que ela tentasse acessar um pouquinho a criança dela. Foi muito rápido, ela estava aflita para voltar pra sala. Falei então pra ela ir, mas disse que ela não estava sozinha, que poderia me procurar pra conversar a qualquer momento. Ela sinalizou a dificuldade de encontrar espaço na rotina para fazer isso. Enfim, foi um começo, mas eu acho que precisamos fazer um trabalho com essa micro equipe. Se eu fosse criança, eu não ia gostar nem um pouco de estar na escola desse jeito. Como adulto eu já não sustento muito tempo. É muito "tem que". Pelo menos, sinto isso eu.

ATÉ ONDE VAI A ESCOLA?

Por duas vezes nessa semana presenciei momentos interessantes com Miguel. O primeiro, no fim do dia, perto da hora de ir embora. Entrei na sala e Miguel estava “zanzando”, enquanto os outros jogavam nas respectivas mesas. Convidei-o a escolher uma mesa para se sentar e Carla apontou-me: “Ele gosta disso aqui, oh”. Pegou as peças de xadrez que estavam guardadas e colocou-as na mesa. Miguel pareceu maravilhado. Perguntei a ela, então, sobre o tabuleiro. Não bastava dar as peças, deveríamos tentar jogar, como faziam as outras crianças. Pegamos o tabuleiro e “jogamos” xadrez, eu e Miguel. Fomos organizando as peças no tabuleiro, primeiro de qualquer jeito. Depois sugeri que tentássemos separar as cores, pra um lado as peças brancas, pra outro as pretas. Ele atendeu. Fizemos. Tentei avançar: “agora eu jogo, em seguida você”. Ele não sustentou muito, mas conseguimos ensaiar alguns movimentos com as peças. Seu pai então chegou e disse: “Você estava jogando xadrez?” Pareceu feliz.

Outro dia, início da tarde, roda e chamada. A professora fazia a chamada com todos os nomes virados para baixo no chão, como um jogo de memória. As crianças, cada uma de uma vez, viravam um nome, até conseguirem, em algum momento, achar o seu. Miguel estava no meu colo, porque aparentemente não estava conseguindo ficar na roda, saía a todo instante. Ofereci meu colo e ele ficou. Falava coisas desconexas e olhava para o teto. Eu repetia baixinho para ele o que a professora dizia, o que os amigos estavam fazendo na roda. Quando chegou sua vez, pra minha total surpresa, Miguel foi desvirar um nome. Escolheu calmamente qual ia pegar e pegou exatamente o seu. De primeira! Foi a primeira criança a acertar seu nome! Não foi coincidência, ele sabia. A professora me disse: “ele sabe pelo modo como a fita adesiva está colada na parte de trás do nome dele”. Incrível. As diferenças não são assim tão gritantes, acredito ser uma percepção bem aguçada.





Fiquei pensando sobre ele depois que a professora chegou a mim pedindo: “dá uma olhada nele?” Seu pedido foi no sentido de uma ajuda para o trabalho com Miguel. Ela falou um pouco sobre a dificuldade de ele responder às suas propostas. Contei pra ela do xadrez e reforcei o ocorrido durante a chamada. Com relação ao xadrez ela disse: “ah, só com você, né? Eu nunca vi isso acontecer.” Não. Não é só comigo. Acredito que tenha sido comigo porque eu estimei, fiquei junto. Acho que Miguel precisa ainda da mediação individual de um adulto pra referi-lo ao grupo e às atividades. Sei que para a professora fica difícil essa atenção mais individualizada já que ela está atenta ao grupo, mas fiquei pensando se não poderíamos bolar estratégias com outra educadora para dar suporte ao Miguel. Já percebi que ele perambula muito pela sala, se prende numa mochila ou num objeto que chame sua atenção. Acredito que não seja necessário remetê-lo ao grupo todas as vezes, fazê-lo sentar sempre na roda. Mas acho que precisamos tentar. Chegar perto dele e oferecer. Oferecer de ele sentar no colo se essa for a forma possível de estar na roda para ele nesse momento. Fiquei com vontade de pensar um trabalho possível com ele, enxerguei possibilidades, ganchos. Não sei até que ponto a gente como escola deve individualizar tanto o processo. Não sei o quanto meu lado clínico está falando alto aqui no meu ouvido. Claro que me aflige a ideia de a família ser contrária à psicoterapia, que já indicamos diversas vezes. Fico confusa com esses limites, mas acredito que na escola possamos fazer um pouco mais do que talvez estejamos fazendo. Fato é que professora pediu uma ajuda para pensar isso. Bom sinal, ela está investida!

MIGUEL E O MURO

Por esses dias tive a sensação de que Miguel parecia mais distante e avesso ao toque. Perguntei às professoras sobre Miguel, sem dizer minha percepção. Joana disse que está cada vez mais difícil, que o convoca o tempo todo para as atividades, mas que ele não sustenta nem um minuto quando não tem o corpo de um adulto como suporte. Disse-me que o momento da chamada é o único que o atrai. Ele sempre acerta qual é a ficha que tem seu nome quando a brincadeira é jogo da memória. Conversei sobre a possibilidade de igualar o verso das fichas, para que pudéssemos saber se Miguel se guiava pela fita adesiva ou se reconhecia o próprio nome. Ela me disse que tinha percebido que ele reconhecia sim seu nome.

Miguel tem ficado bastante tempo deitado no chão, desconectado do mundo externo, fechado em seu mundo interior. Não o vejo mais tanto atraído pelas mochilas ou algum outro objeto, mas deitado no chão, perdido em alguns significantes. Ele repete muito as palavras apartamento, muro, helicóptero, avião, Minnie e Mickey.

Por dois momentos nesta semana tentei me aproximar de Miguel. Foi aí que percebi uma mudança com relação ao toque: se ele suportava ser tocado de primeira anteriormente, agora eu tive que oferecer palavras e deixar que ele se aproximasse para poder tocá-lo. Assim o fiz. Na primeira ocasião Miguel apareceu como sujeito desejanste, disse-me que queria desenhar. Peguei então papel e giz de cera. Ele dizia: "quero desenhar um papagaio". Eu incentivava: "desenha um papagaio, desenha o que você quiser!". Ele empurrava o lápis para mim. Queria que eu desenhasse. Foi dizendo várias coisas que queria desenhar e eu respondia: "ah, você quer que *eu* desene tal coisa?" Pediu-me para desenhar o muro, dizendo sempre em primeira pessoa "quero desenhar o muro". Achei interessante.



Desenhei bordas. Tudo que ele pedia para desenhar a partir de então estava dentro do muro. Vimos o papel e ele pediu o muro novamente. Desenhei de forma que metade do papel ficasse “dentro” e outra metade “fora” do “muro”. Ele começou a pedir desenhos e eu respondia: “mas isso eu desenho dentro ou fora do muro?” Ele se empolgou. Colocou dentro do muro um avião e um helicóptero, em cima do muro estavam papai, mamãe, Bernardinho (primo) e um gato. Fora do muro estavam a chuva, a neve, o sol e o arco-íris. Fantástico. Dois dias depois repetimos a mesma história. Aproximei-me, ele disse que queria desenhar e foi colocando as coisas dentro e fora do muro. Vejo em Miguel um potencial enorme pra saúde, mas ele precisa muito de investimento. Penso que precisamos traçar estratégias pedagógicas e marcar com os pais logo, para tentar novamente a indicação de psicoterapia.



RUAN E AS PALAVRAS FEIAS

Não enxergo em Ruan nenhum comportamento que remeta a déficit de atenção ou hiperatividade, como as professoras vêm sinalizando. Percebi que na turma da tarde ocupa o lugar de quem faz coisa errada, aparentemente nem tanto pela professora, mas os próprios colegas assinalam isso constantemente. Ruan costuma bater e cuspir nos colegas, acredito que a represália seja por isso. Contudo, nas situações que presenciei foi capaz de reconhecer seus erros e repará-los, com a mediação da professora.

A professora da manhã diz que Ruan tem tido dificuldades para entrar na escola, que chora pedindo a avó. Presenciei esse choro outro dia, mas não cheguei a ver como é a despedida com a avó. A professora tem utilizado como recurso a mediação da Luciana, que dá uma volta com ele na escola e “faz uma ponte”, como ela disse. Diz que Ruan não tem dificuldades em respeitar os limites colocados por ela e que é atento nas atividades que lhe interessam. Nas que não lhe interessam, resiste em participar. Ela conta que quando ele transgredir algum limite, culpabiliza um colega, dizendo que não foi ele. Com a professora da tarde pareceu bem diferente nesse aspecto. De manhã não apareceu a questão de bater nos colegas.

Comigo Ruan sempre foi muito afetuoso e sempre me pareceu bastante esperto. Quando entrei na sala dele depois do período de recesso de carnaval, ele me disse: “se lembra que naquele dia (quinta-feira antes do carnaval) eu estava triste? Naquele dia passou, mas hoje eu também estou”. Sua tristeza era por saudades da avó. Antes do carnaval era por estar preocupado, pois ia viajar com sua mãe e ninguém tinha vindo buscá-lo até então. Uma fala bastante articulada, até meio “adultizada”, me chamou a atenção. Demonstra facilidade em pedir ajuda.



Ruan, que vem falando repetidas vezes xereca e pinto, noutra dia beijou o bumbum de uma menina do grupo. A professora me procurou perguntando como intervir, contou-me que já tinha dito a ele que são palavras feias, que é falta de educação falar essas coisas, principalmente na frente das meninas (!), e quanto ao beijo no bumbum disse que dali saía cocô, que podia estar sujo, não era pra beijar. Conversei um pouco com ela, perguntei-lhe se Ruan utilizasse as palavras perereca e piupiu pra se referir aos órgãos genitais se ela se incomodaria tanto. Disse-me que não. Pois é, falei eu. Ele está usando as palavras que conhece (que segundo ele é como sua mãe fala e não é palavrão porque na casa dele eles falam assim!) para dizer de partes do corpo. Se ele estivesse repetindo “orelha” incessantemente provavelmente falaríamos algo do tipo “Caramba, Ruan, você está mesmo interessado por orelhas”. Enfim, tentei desconstruir essa ideia de palavras feias e falei pra ela que quanto mais ela barrasse, provavelmente mais ele ia fazer, porque Ruan tem testado muito os limites, principalmente com ela. Acredito que tratando o uso de tais palavras (que não são palavrões!) com naturalidade, a coisa vá se esvaziando. Assinalei, contudo, a importância de barrar a manipulação do corpo do outro, não porque é sujo, mas porque são partes íntimas, que não são para serem manipuladas pelo outro em situações como essa.



RAFAELA AMARAL

Desde o início do ano estive atenta a alguns episódios ocorridos com a Rafaela Amaral: a mãe que pediu pra colocar o par do brinco porque em casa só conseguiu colocar um, a questão da masturbação e a questão com limites, aparentemente mais por uma dificuldade da mãe em exercê-los. Teve também a história da calcinha suja de cocô, da roupa trocada da Duda que foi pra casa do pai da Rafaela, e etc. Ao longo dos últimos meses algumas coisas vêm chamando minha atenção. Havia dias em que Rafaela dava um escândalo porque não queria tomar banho na escola, passou por um período assim. Só a Antonia conseguia “dobrá-la”. Ela queria continuar brincando e ficar de fantasia. Havia dias em que vinha com um vestido lindo e não queria colocar o uniforme por nada, começava a se debater e fazer o que muitos chamariam de uma birra fenomenal.

A entrada com a mãe tem sido bem difícil. Com o pai parece que tudo acontece na maior tranquilidade. Eu nunca vi, mas o pai sempre chega cedo (o horário de entrada da Rafaela é às 8h), se despede com um beijo e vai embora, segundo as educadoras. Com a mãe, Rafaela tem chegado mais tarde e a separação é muito difícil. Geralmente Antonia pergunta se pode pegar, a mãe consente, e Antonia faz a separação. Rafaela logo para de chorar, só fica meio bicuda. Mas a mãe se despedaça, sai com o coração na mão, apesar de ter plena noção de que logo em seguida Rafaela fica bem.

Mais pro início do ano Rafaela costumava se utilizar muito da linguagem física quando algo ia contra sua vontade. Tinha avançado neste sentido, mas as educadoras me sinalizaram que recentemente ela voltou a bater. Relacionam isso com as dificuldades do Pedro - outra criança da escola que se expressa constantemente por meio do corpo -, o que pode até fazer sentido, então fico na dúvida sobre como abordar isso na entrevista com os pais. Eu nunca vi, mas parece que ela já bateu até nos adultos.



Rafaela costuma se masturbar na escola. Não é tão intenso, então não gera tanta angústia pra quem olha. É um cruzar de pernas, digamos. Mas a frequência é bem alta - não só no sono, mas praticamente em todo momento em que está deitada. Noutro dia sentei-me do lado dela num desses momentos e comecei a conversar, perguntar sobre casa de pai e casa de mãe, se tinha quarto na casa do papai e tal. Ela me disse que dormia junto com o pai.

As educadoras me contaram que um dia na entrada o pai disse algo do tipo: "Ah, Rafinha, não vai dar pra fazer tal coisa hoje, porque você vai pra casa da sua mãe..", não me lembro qual era a tal coisa, mas era uma atividade que combinaram de fazer juntos. Não sei qual foi o tom dessa fala, mas as meninas sentiram não muito bem, como parte de um jogo de pais separados. Tipo, "minha casa é mais legal". Enfim, não sei o que rola com essa separação, talvez o encontro com eles seja no sentido de ouvir um pouco como Rafaela está em casa, como fazem com a questão da guarda... Porque pelo que entendi às vezes ela fica a semana inteira na casa do pai, não sei como é essa divisão.



A ESCOLA E A ETERNA FALTA DE PROFISSIONAIS

Eduarda pediu demissão. Disse que estava gostando muito da escola, se sentiu acolhida e elogiou nossa forma de atuação perante as crianças. Seu problema, ao que pareceu, era realmente pessoal. Está se separando de seu marido e vai voltar pra São Paulo. Estava bastante emocionada, nervosa, enfim, chorou e me abraçou por um longo tempo. Realmente não está bem. Disse que tinha que ir embora dia 18 agora, que compraria a passagem naquele mesmo dia. Ficamos perplexas e pedimos pra que não comprasse a passagem, teríamos que ver o que faríamos. A princípio pensamos em fazer nova seleção, porém Priscila me interpelou pelos corredores, ressentindo-se por "ficar órfã" (palavras dela) novamente. Pediu-me para considerar a possibilidade de colocarmos uma professora já da escola que estivesse voltando de licença, e sugeri a Rose. Conversei então com as coordenadoras e para todos pareceu uma boa ideia. Assim será. Contudo, teremos uma semana entre o retorno de Rose e a saída de Eduarda, que não conseguiu postergar sua ida para São Paulo. Jussara dobrará neste período.

UM DIA QUALQUER NA ESCOLA

Quando cheguei à escola nesta quinta, a coordenadora me passou algumas questões que haviam ocorrido durante a manhã com David e com Renato. David havia passado grande parte da manhã com ela, pois estava “fugindo” de sala, mordeu um amigo, enfim, não estava dando conta de ficar no grupo. Renato havia tido dificuldades na entrada, não queria ir à natação e tinha chorado bastante na despedida de sua mãe. De início, eu planejava estar um pouco com Caíque, conhecê-lo melhor. Queria ver também como estava indo a readaptação de Alexandre. Uma professora me pediu ajuda com Sara, que parece estar com dificuldades na chegada à escola. Tentei então me dividir entre essas demandas.

Estive um momento com David que, na mais santa paz, conversava com a professora na quadra sobre a casa de sua avó enquanto as outras crianças brincavam livremente. Entrei na conversa da casa da avó, contando um pouco sobre a casa da minha avó. Foi um momento super prazeroso, cheio de afeto. Parecia tudo bem por ali, prossegui meu caminho, tentando entender o que faz David “fugir”, morder e bater de manhã e o que faz com que não “fuja” à tarde. Nunca vi uma cena prazerosa como essa de manhã. Posso estar equivocada, uma vez que não estou presente em nem 15% do tempo de convivência do seu grupo da manhã, mas tenho a impressão de que acontecem poucos momentos livres, sempre os vejo em atividades dirigidas, o que parece ser excessivo para David. É um palpite para tentar entender a discrepância entre a postura que ele tem de manhã e à tarde. Posso estar enganada.

Dei uma passada para ver Renato e ele estava bem. Sinalizei o ocorrido para as professoras, para estarem sensíveis a isso. Alexandre ia também muito bem, super envolvido com o grupo e sem a mãe,



que já não o esperava mais. A coordenadora me pediu, então, se podia ficar no grupo 3 enquanto se reunia com as professoras, pois a auxiliar havia sinalizado que não poderia ficar sozinha com o grupo, devido à dificuldade no manejo com Caíque. Disse-lhe que ficaria sim um tempo, pois queria eu também estar mais próxima de Caíque. Como de costume, a reunião se estendeu por muito mais tempo do que o combinado. Essa saída das professoras é sempre meio complicada, deixa um furo em algum lugar ou deixa alguém sobrecarregado (geralmente as auxiliares). Não sei como poderia ser diferente. Em um mundo ideal poderíamos ter uma professora volante para esses casos. Enfim. Quanto ao Caíque, passou o dia super bem, envolvido com o grupo e com as propostas, e muito carinhoso comigo. Não percebi ainda nada que possa disparar suas manifestações violentas. Não achei que não nos ouve quando colocamos as regras. Esteve sempre aberto e as atendia prontamente, mesmo quando eu sinalizava pra ele que não podia tomar o brinquedo da mão do colega, que precisaria pedir, negociar com ele. Ele me ouvia e então negociava com o colega, sem ficar irritadiço quando não era atendido. Fiquei com a sensação de que quando estamos ali pra ele, com ele, incentivando-o, tudo vai bem. Vamos tentando construir essa história.



CAÍQUE

Não sei nem por onde começar. Essa, como todas as histórias, tem muitos lados. Bom, começo pela raiva que senti. Contratransferencialmente? Talvez. Não sei. Tentei me fazer disponível hoje para a díade mediadora-Caíque, na tentativa de acompanhar o caso, de marcar a tríade mediadora-Caíque-escola. Foi bastante complicado. Acho que acabei passando por cima dela em alguns momentos, ela me irritou, fiquei com raiva em um dado momento. Na primeira aproximação do dia resgatei algo que havia tentado conversar com ela ontem: a ideia de ela ver o planejamento da professora para saber quando teriam as atividades pelas quais Caíque demonstra maior interesse (como casa de bonecas, atividades com música, artes e contação de histórias), no intuito de poder convidá-lo para tais propostas, remetendo-o ao grupo. Minha ideia era a de que, por mais que ele estivesse bastante fora do grupo ainda, ela fosse trabalhando com ele algo do tipo “depois do lanche vai ter uma história super legal...”, antecipando para ele que viria algo de seu interesse, a fim de prepara-lo para a atividade junto ao grupo. A mediadora concordou com a ideia e marcou: “mas em nenhum dia ele deixou de estar em algum momento no grupo, na hora do lanche, por exemplo, ele sempre está”. Em seguida, disse: “acho que a escola devia encaminhar ele pra um profissional da saúde MESMO...” Ao que eu disse: “Hein? Não entendi. Como assim da saúde MESMO?” E ela: “ah, um psiquiatra ou um neuro, pra ver o que ele tem”. (Caíque havia sido encaminhado pela escola a um psicólogo.) Nessa hora fiquei com raiva... O psicólogo não é um profissional da saúde? Ver o que ele tem? Em que sentido ela acha que um diagnóstico ajudaria? Enfim, a raiva começou a crescer dentro de mim. Respondi que ele estava sendo acompanhado por uma psicoterapeuta, como já havíamos passado pra ela, e que ele também havia ido a um psiquiatra.



Ela então me fala: “É, mas acho que a escola devia então contactar esses profissionais...” Aí minha raiva cresceu mais ainda. É claro que eu estava em contato com esses profissionais, fui eu quem os indiquei. Sério, isso me irritou. Mas beleza. Ela ficou com ele no tanque de areia e eu me retirei um pouco, fui pra outras turmas. Voltei perto do momento de o grupo ir para a casa de bonecas, porque sei que é um momento em que ele consegue brincar em grupo. Cheguei perto dos dois e disse: “Sonia, sabe que agora o grupo vai para um espaço que o Caíque adora? A casinha de bonecas! Caíque, você gostaria de ir lá brincar com os amigos?” Ele ficou super animado e saiu correndo. Estávamos subindo quando ela me sinalizou: “Não sei se é uma boa ideia”, mas eu já tinha convidado, não tinha como voltar atrás. Provavelmente, fazendo esse convite eu a atrolei, poderia ter feito diferente. Mas enfim. Chegamos na casinha e ele logo foi cozinhar e tudo o mais. Fui na sala desligar o ventilador e quando voltei ele estava no chão e ela tentava tirá-lo do grupo. Perguntei o que havia ocorrido e ela disse que ele tinha batido com uma garrafinha na cabeça de um amigo. Mas ele não estava nem um pouco desorganizado, me parecia super possível uma mediação pela palavra. Ela tirou ele do grupo. Perguntei à professora como tinha sido e ela me disse: “olha, eu não vi, mas não deve ter sido nada demais, era uma garrafinha de plástico”. Pareceu-me ter sido algo que seria resolvido com uma fala do tipo “Ih, Caíque, mas acho que assim o Bernardo não vai gostar”. Posso estar enganada. Enfim. Lá se foram eles. Passadas umas duas horas em que os dois estavam fora do grupo, nas quais ela me sinalizava que eu “podia ir”, que estava tudo bem, eu voltei pra contar sobre uma brincadeira que a professora ia fazer com o grupo e pra convidá-lo novamente. Ele, de novo, saiu correndo, empolgado. Quando chegou, estavam ainda no pátio. Eu, que estava sentindo que estava invadindo o trabalho dela, fiquei observando, de perto, mas não mediando a interação dele com os outros. Ela ainda não tem o *timing* dele, então também não mediou, ficou indo atrás. Ele bateu. Aí ela tentou tirá-lo e pronto, foi uma crise muito grande. Ajudei a contê-lo e ele começou a bater na gente.



Fomos pro corredor eu, ela e ele. Ela dizia: "deixa comigo". Mas eu já estava completamente implicada na situação, não ia sair naquela hora. Então ele começou a gritar pra mim "eu te amo, mas eu te odeio", e eu devolvia coisas do tipo "É isso aí Caíque, a gente também sente raiva de quem a gente ama. Pode sentir raiva, mas não pode me bater..." Enfim, fiquei falando algumas coisas pra ele e ela disse "eu não acho que falar coisas acalma nessas horas". Caramba! Ela podia até ter razão, mas como é que ela fala isso na frente dele? Não pode realmente ter terceiro, esse menino repete relações duais nas quais o adulto desqualifica o outro que tenta entrar! A raiva veio parar em mim. E como acabou essa situação? Ela convidando ele pra brincar e os dois numa cena de "amor" no pátio, se bastando. Muita coisa em jogo nessa história, tenho que pensar bastante ainda pra tentar enxergar mais descolada da situação, mas eu fiquei um pouco preocupada com essa mediadora, não sei como ela vai dar conta disso. Tentei me colocar um pouco no lugar dela também. Sei que deve estar sendo difícil, ela acabou de chegar na escola, sendo uma profissional contratada pela família, está se adaptando a tudo e a todos, nunca fez esse trabalho antes. O lugar que ela ocupa é difícil, os direcionamentos que ela recebe podem parecer ambíguos, tem tudo isso. Mas até por isso tudo, o profissional precisa ter muito jogo de cintura. Se, por um lado, eu assino embaixo da estratégia de ficar com ele mais fora de sala, por outro, é muito ruim que ele fique fora de sala praticamente a tarde inteira, porque uma hora ele vai ter que entrar, e quando entrar ele vai estar se sentindo excluído novamente, e aí a raiva vem com tudo. Ontem ele disse pra auxiliar "Vai lá ficar com a sua turminha". E hoje, no pátio: "eu não quero mesmo brincar com vocês (para os amigos)". Com a chegada da mediadora, ele saiu do grupo. Abruptamente. Entendo o que a Sonia traz de que precisamos poupá-lo dessas crises evitando que entre em contato com o grupo, pois são sinal de que não está sendo possível pra ele, mas ao mesmo tempo, fico pensando se também não é muito mais fácil pra ela não ter que lidar com isso... caramba, difícil essa situação.

FORMAÇÃO SUBJETIVA DOS PROFESSORES

Sinto que quando falamos somente das crianças as singularidades destas se colocam de forma mais decisiva no processo de aprendizagem, restando menos espaço para a implicação dos educadores neste processo. A escola tradicional culpabiliza os alunos pelo fracasso escolar. A meu ver, deveríamos estar atentos às singularidades de crianças e educadores, e entender tal “fracasso” como sendo decorrente do encontro entre os sujeitos na constituição do grupo/turma. Ou, de forma mais ampla, do encontro entre família e escola. É outra forma de compreensão. Estamos nós também implicados nas dificuldades que se criam no espaço escolar. Essa mudança de paradigma parece ainda não ser clara para muitos educadores. Muitos não fazem parte dos grupos com os quais convivem diariamente; são mestres regendo a orquestra da forma que lhes parece mais “correta”. Compreensível. É complexo brincar junto, se divertir, sem perder seu lugar de referência/autoridade. A professora Juliana teve fortes dores de cabeça depois do encontro em que debatemos o tema. Procurou-me para conversar, dizendo que não tinha ficado bem, querendo entender no que ela podia melhorar. Conversei um pouco com ela, entendi mais suas dificuldades, e disse-lhe que a meu ver ela estava com dificuldades de se alinhar a esse paradigma de educação, que era um processo difícil mesmo. Ela realmente não conseguiu entender o que eu disse sobre a diferença entre a postura do professor enquanto parte do grupo e do professor enquanto mestre. Ela está convencida de que as crianças do grupo dela se batem a manhã inteira (apesar de conviverem com certa harmonia durante a tarde) por questões individuais, problemas familiares.



É impossível para ela nesse momento compreender o que digo sobre algo que se produz no encontro entre o grupo. Não sei se passa pelo campo da palavra o que falta nela, não sei se se trata de pouco estudo. O que parece produzir suas dificuldades é algo subjetivo. Bom, tendo percebido isso e uma crescente dificuldade de relação entre ela e sua auxiliar, procurei a última para conversar. Bastante sensível, achei as percepções dela bem contundentes. Ela percebe os pontos em que a condução do grupo desanda, tem sugestões. Perguntei se ela se sentia confortável em conversar com Juliana, tentar fortalecer essa parceria, até porque ela já é mais antiga na instituição, tem propriedade no manejo de acordo com a filosofia da escola. Ela disse que sim, e que estava muito aliviada de alguém estar enxergando como ela. Disse-me no dia seguinte que já estava mais atuante e já tinha conversado algumas coisas com Juliana. Semana que vem vou continuar acompanhando essa história. Acho que Juliana tem pontos positivos, ela procura, quer entender melhor, diz como se sente. Realmente gostaria de conseguir acessá-la nas profundezas. Estou investindo!



AS RELAÇÕES NA ESCOLA

- Entre a equipe
- Entre a equipe e as crianças
- Entre as crianças
- Entre a equipe e as famílias

Como está a relação entre a equipe? Como podemos cuidar dessa relação? Como podemos fortalecer essa relação? O que tem dificultado o entrosamento no cotidiano?

Como está a relação da equipe com as crianças? Quais são as dificuldades e os encaminhamentos possíveis? Quem são as crianças que mais nos tocam? Geralmente refletimos sobre por que elas nos tocam? O que nossa história pessoal tem a ver com isso? O que nossa história enquanto instituição tem a ver com isso?

Como mediamos a relação entre as crianças? Quando devemos deixar espaço para a espontaneidade das trocas entre elas e quando elas precisam do adulto para mediar determinadas questões? Como mediar os conflitos que surgem a todo instante?

Como acolher a dor e a raiva das famílias, muitas vezes direcionadas a nós? O que fazer com a raiva que nós por vezes sentimos das famílias? Em que situações geralmente sentimos isso?

Como esse “caldeirão de emoções” decorrente dessa teia complexa de relações transparece no relatório que enviamos às famílias? O quanto por vezes a dificuldade de cuidar da raiva e dos preconceitos dificulta a nossa escrita? Precisamos refletir sobre a importância de uma postura aberta, cuidando dos pré-conceitos que por vezes dificultam nosso olhar para a singularidade da criança.





Chegando em casa fiquei pensando... Quais são as relações que, levando em consideração minha vivência na instituição neste ano, consideraria mais relevantes de cuidar neste momento dedicado à capacitação interna? Sem dúvida a relação da equipe com as crianças é um ponto nodal, mas será que antes de chegarmos ao público, não tem algo interno que precisa ser mexido? Pensamento ousado talvez, mas ao mesmo tempo, não estamos “arrumando a casa”? Uma das maiores questões que ouvi no ano passado, principalmente das professoras novas, foi que se sentiam desamparadas (palavra minha, mas acho que expressa bem), sem direcionamento. A coordenação pedagógica estava sobrecarregada e não deu conta de orientá-las? Talvez. Mas e eu? Temos tantos profissionais compondo a coordenação/direção, como poderíamos nos organizar melhor para que esse sentimento de “solidão” cessasse? A relação entre as professoras não me parece andar mal, elas se apoiam, fazem grupos no *whatsapp*, trocam informações, dicas, ideias. Nós, entre nós, também temos um grupo no *whatsapp*, trocamos ideias, informações... mas fiquei com a sensação ao longo do ano de que a troca que acontece entre a gestão por vezes não chega até lá e vice versa. Algumas coisas se perdem e se criam pelos corredores... Fiquei com vontade de tentar construir melhor essa ponte ao longo desse ano, e talvez um bom começo seja conversar sobre isso no grupo. Ouvir as ideias que porventura elas possam ter, entender quais são as demandas, mesmo que não possamos atendê-las. Mas acredito que só esse exercício já seria uma forma de acolhida. Eu particularmente gostaria de saber como eu posso contribuir para que elas se sintam mais seguras, mais amparadas. Acredito que na medida em que elas se sentem mais respaldadas, elas também conseguem encaminhar melhor algumas questões com as famílias sem necessariamente passar por nós, o que acabaria por diminuir nosso trabalho nesse sentido.

Bom, qual seria a melhor forma de passar uma filosofia para os educadores senão fazendo com eles o que esperamos que façam com as crianças? Gente cuidada cuida. Nesse sentido, parece restar



a nós, coordenação/direção, a tarefa de cuidar da equipe, de forma a fortalecer a rede de cuidados necessária para um bom atendimento ao público. Contudo, se há que ser cuidado para cuidar, essa rede não se esgota, levando à necessidade de alguém que cuide da gente e assim por diante. Ou então, estaríamos supondo que fomos um dia tão bem cuidadas que conseguimos ocupar esse lugar “no topo da cadeia”, sem necessitar, também nós, do olhar cuidadoso do outro. Ilusão. Tampouco me parece que estas demandas devam ocupar lugar na nossa análise pessoal. Da supervisão, talvez. Nesse sentido, a horizontalização das relações no que tange o cuidado me parece ser imprescindível em uma escola de educação infantil. Como fazer circular a cultura de cuidado sem criar uma demanda incessante de atenção ao infantil de cada adulto, para além das questões profissionais? Como disseminar a empatia e o olhar atento ao outro, seja da psicóloga para a faxineira, ou da cozinheira para a diretora? Não é da análise de cada educador que se trata nosso trabalho na escola. Então, até onde devemos/podemos acolher o infantil tocado pela convivência diária com as crianças?

Compor a equipe coordenação/direção não é tarefa fácil. Logo se percebe como é complicado lidar com a equipe, aprender a ouvir para compreender os problemas, respeitar os pontos de vista diferentes, articular as diversas opiniões para chegar a um consenso, mediar conflitos entre os educadores, liderar sem ser arrogante e sugerir mudanças sem ser autoritário. Contudo, são os direcionamentos da coordenação/direção que vão fazer com que a equipe forme uma unidade, que todos transmitam a mesma ideologia, apesar das – e levando em conta as – singularidades de cada um. Nesse sentido, tais funções parecem demandar um eterno exercício de abertura para o diálogo e muito jogo de cintura!

Cada escola tem uma cultura e uma filosofia, mas que nem sempre são suficientemente difundidas entre a equipe. Neste sentido, parece ser necessário desenvolver uma relação de parceria e confiança para que todos se sintam à vontade para partilhar suas

experiências e dúvidas, sem julgamentos. Nessa escola me parece que essa relação de parceria e confiança se estabelece com facilidade entre as professoras, o que é três quartos do caminho andado, porque em muitas instituições a competição entre os pares impera. Mas acho que por vezes nós da coordenação/direção temos um pouco de dificuldade em acolher as dificuldades das professoras. Eu particularmente fico muitas vezes impressionada com a falta de formação de base, o que reconheço que dificulta meu acolhimento. A coordenadora, pelo que já me falou algumas vezes, se incomoda com o tempo, digamos mais lento, de algumas pessoas para registrar uma informação, o que provavelmente dificulta o acolhimento por parte dela. Enfim... Outra questão é: como nós – coordenação/direção – estamos cuidando também da nossa união enquanto equipe?



SAÍDA DA CAROL

A equipe do integral ficou bastante mobilizada com a saída da Carol. Eu fiquei e acredito que também a coordenadora. No momento em que soube, meu sentimento foi como um “puxa, sabia do problema e não consegui manejar”. Com o passar do tempo tal sentimento foi se esvaziando e dando lugar a um “fiz o que foi possível”. Parece-me que as coordenadoras sentiram raiva de Rita e Jéssica, como se estas (e eu também) fossem responsáveis pelas “acusações” a Carol, atentando para a “perseguição” que faziam com a mesma. Nesse momento vi muita raiva em Carla – coordenadora -, penso que de mim. Outra coisa estava em jogo ali. Ela falou de uma experiência que teve enquanto professora nova na escola. O conflito entre Rita e Carol, bem como a situação vivenciada quando era professora nova na escola pareciam se atualizar ali, entre nós duas. Não achei que seria produtivo manejar a situação trazendo para a nossa relação, então fiquei restrita ao conteúdo, dizendo-lhe que estava atenta para a complexidade das relações, que enxergava tanto a “perseguição” de Rita e Jéssica quanto as dificuldades de Carol.

Procurei Carol, abracei-a e disse que achava uma pena que tivesse desistido, pois a instituição estava disposta a investir nos problemas que poderiam estar ocasionando sua saída. Ela então me lembrou o que me disse há algum tempo: “lembra que te disse que aguentaria tudo até o dia que não desse mais pra suportar? Engoli muita coisa aqui, não dá mais.” Tentei problematizar, disse que não precisava ser assim, ninguém precisava aguentar ou engolir nada, as coisas podiam ser conversadas, enfim, repeti tudo o que já havia lhe dito quando me falou essa tal frase anteriormente.

Jéssica me procurou para conversar, e também Rita. Ambas culpadas, se sentindo responsáveis pela saída de Carol. Disse-lhes





que considero todos responsáveis, mas ninguém culpado. Afinal, os entraves sociais ocorrem por uma confluência de fatores. Neste caso, foi o encontro entre nós que propiciou o ocorrido. Atentei para o que poderíamos ganhar no sentido de aprendizado com tal situação. Conversei com as duas durante algum tempo, a situação pareceu contornada. Ambas atentaram para a dificuldade no diálogo com Carol, sinalizando-me que só se comunicavam a respeito de coisas profissionais e pra dar bom dia, boa tarde.

Em outro momento fui novamente procurar Carol, que estava com Rosane, sua auxiliar. Perguntei como Rosane estava se sentindo e ela disse que estava chateada e triste. Disse-lhes que todos estavam mobilizados com a saída de Carol, inclusive Rita e Jéssica. Carol achou curioso, pois nenhuma das duas tinha vindo falar com ela. Resumindo a história, Carol e Rosane dizem que Rita e Jéssica não falam com elas, e Rita e Jéssica dizem o mesmo de Carol e Rosane. Tento desconstruir as resistências ao diálogo, apontando as similaridades entre elas e as dificuldades do outro: ninguém está agindo de determinada forma porque é mau ou coisa que o valha, todos os envolvidos estão se deparando com suas próprias dificuldades, por isso a situação mobiliza tanto. Não sei se tem eco.

Carol chegou a dizer que Jéssica usa de muita “psicologia” com a direção, como se pudesse nos ludibriar. Jéssica tem medo de que estejamos treinando Rosane para ficar no seu lugar. Enfim, coisas muito persecutórias, primitivas, estão emergindo. As duas duplas muito se parecem e projetam uma na outra suas próprias dificuldades. Tem raiva, dor, muito afeto. Tenho tentado manejar conversando com cada uma isoladamente. Contudo, tenho a sensação de que isso só pode ser esvaziado se manejarmos no grupo. Carol sai, mas Rosane fica. O problema continua. Tenho tentado investir em Rosane para que não tenha desejo de desistir também. Aposto no trabalho dela. Enfim, sei das dificuldades em retirar todas de sala para manejar a questão no grupo, mas no momento não estou vendo outra possibilidade.

SONO

Tivemos uma conversa com os pais da Carol e combinamos que ela passaria a trazer um travesseiro de casa com o intuito de que se sentisse mais segura no momento do sono, o que, pelo menos no dia em que eu estava, parece ter acalentado Carol. No dia seguinte, Maria trouxe também um travesseiro. No outro dia, Valentina. Não havia nada na agenda, nem de uma nem de outra. Mas trouxeram os travesseiros. Socorro, educadora do grupo, que já havia me sinalizado que isso ocorreria – meio descontente com o fato de “abrirmos um precedente” –, me procurou para contar, perguntando o que fazer. Tanto num dia como no outro, perguntei se havia algo na agenda e, caso não houvesse, disse-lhe que não oferecesse os travesseiros às meninas, que esperasse para ver se elas pediam, talvez nem lembrassem. Caso lembrassem, que problematizasse, dizendo algo do tipo “ah, mas vocês já são meninas crescidas, tem certeza que precisam mesmo trazer travesseiro de casa?” ou algo do tipo. Socorro estava nitidamente incomodada, “daqui a pouco todo mundo vai trazer travesseiro”, dizia ela. Eu, cá pensando com meus botões, me perguntava um monte de coisas. Serão esses travesseiros um retorno aos objetos transicionais ou meros travesseiros? Algum de nós dorme sem travesseiro? Eu não. Não consigo de jeito nenhum. Tem problema todas as crianças trazerem travesseiros? Talvez tenha. Um trabalho a mais: todos os dias pegar e guardar travesseiros em cada mochila – que ficaria entulhada com mais uma coisa. Bom, não sei exatamente o que penso sobre isso, por isso escrevo. Tento me colocar no lugar de uma criança de três ou quatro anos que dorme na escola. Tarefa árdua essa. Quase impossível. O pensamento do pensamento do pensamento. Sentem-se elas desamparadas por terem de fazer-se dormir por conta própria? Talvez algumas. Sentem-se elas desconfortáveis por dormirem sem travesseiros? Talvez algumas.

Sentem-se elas incomodadas com a conversa dos adultos enquanto elas tentam dormir? Talvez algumas. Sentem-se elas extremamente confortáveis e acolhidas neste ambiente? Talvez algumas. Enfim, talvez muita coisa. Fato é que tem barulho do grupo do lado, tem conversa dos adultos que não para, as crianças que são ninadas são invariavelmente as mesmas - pois são as que precisam aos olhos das educadoras -, as crianças, sem os travesseiros, podem se sentir ainda mais solitárias por não terem no que se agarrar (literalmente!), enfim... Talvez precisemos repensar o sono, momento tão importante, de tanta entrega. As educadoras costumam dizer: "fulano, fecha o olho e dorme!". Pra alguns é simples assim, pra outros não. Fiquei curiosa pra saber como é a saída do objeto transicional nessa escola, ele cai no momento de cada um? Fiquei pensando, será que essas mães se falaram a respeito da estratégia do travesseiro ou as filhas, quando chegaram em casa, lembraram e pediram pra levar no dia seguinte? Por que se elas lembraram e pediram, talvez seja algo realmente importante pra elas. Por que será que isso incomoda tanto a Socorro? Não tenho certeza se é pelo trabalho a mais... será de fato um "embebezamento" e eu estou aqui numa tentativa de compreensão exagerada? Realmente não sei.



JUREMA

Conversei com Jurema nesta semana. Foi interessante. Suas queixas eram sobre estar se sentindo sozinha, sem o apoio que julga necessário da coordenação/direção. Diz que, apesar de ter certa experiência, tem muitas coisas que não sabe e que precisa de ajuda para trocar sobre o manejo cotidiano. Fala que vem contando com a ajuda de seus pares para se adaptar ao funcionamento da escola. Diz que sente uma cobrança da coordenação, que parece que não faz nada certo, que está errando o tempo todo, visto que só chegam até ela reclamações. Disse-lhe que acho ótimo estar podendo falar sobre essas coisas, que sabemos do distanciamento entre coordenação/direção e corpo docente que por vezes acontece e que estamos trabalhando para minimizar tais distâncias. Pedi compreensão e auxílio nesse manejo, ressaltando a importância de sempre pedir ajuda quando julgue necessário e que não se defenda pelo medo de "falhar". Disse-lhe que esta postura defendida e reativa, de um profissional que não erra, é exatamente o oposto do que entendemos como o ideal do educador, posto que é irreal. Sabemos que dificuldades sempre vão existir e a riqueza deste trabalho é também poder olhar pra elas. Estamos aqui para somar.

Pedi ajuda no manejo com Marina, disse-lhe que sabia da dificuldade que estava enfrentando também com a auxiliar. Nesse momento ela colocou em palavras o discurso que estava o tempo todo por trás de sua fala: "eu sempre falo pra ela que ela deve interagir mais com as crianças, porque se alguém passa e vê..." Foi ótimo! Pude sinalizar então, a partir de uma fala dela, que a questão não está relacionada com quem passa e vê. Que o ideal é que elas possam atuar da mesma forma na presença ou na ausência de coordenadoras, diretoras ou responsáveis. É pelo compromisso ético com a formação das crianças que trabalhamos, e não "para o outro ver".



Ela sorriu. Parece ter se sentido aliviada com o que ouviu. Enfim, ela pareceu mais segura em ouvir aquelas palavras, agradeceu bastante e passou a sorrir pra mim.

Fiquei lembrando da Carol. A mesma história. Que cobrança é essa do “se alguém passa e vê”? Tem um discurso que circula na escola que reforça essa crença. Devemos fazer assim ou assado porque senão alguém vai ver e vai reclamar. Faz-se urgente desconstruir essa crença. Acho que pode ter um pouco a ver com a forma como essas “reclamações” por vezes são colocadas. Noto, por vezes, um puxão de orelha aqui, outro ali, que talvez pudesse ser abordado em outro contexto, de outra forma. Parece-me que as coordenadoras “puxam a orelha” de um jeito meio desesperado, com medo de que as suas próprias sejam puxadas também deste modo desesperado. Talvez precisemos nos acalmar uns aos outros, nos deixarmos ser cuidados uns pelos outros de forma mais horizontal. Sinto que às vezes as relações ficam verticais demais e aí fica cansativo pra todo mundo. Tentei mostrar pra Jurema que também nós, da coordenação e direção, temos nossas dificuldades, que também a coordenadora por vezes não está num bom dia, e que precisamos cultivar as relações, porque o mais difícil parece ser mesmo conjugar essa arte que é o encontro entre os adultos.



EDUCAR É POLÍTICO!

Nos últimos meses temos vivenciado ataques diretos à educação, com cerceamento da liberdade de cátedra, expressivos cortes nos repasses para instituições públicas de referência nacional e internacional, além do desmonte da ciência brasileira. Nossa luta sempre será em prol de uma educação pública de qualidade para todos. Na educação infantil a gente investe na transmissão da ética humana, do senso de coletividade. A gente faz mediação de conflitos todos os dias, para que os pequenos percebam que o mundo não gira em torno dos próprios umbigos. Isso é transmissão de valores, isso é política. Fazemos política todos os dias na educação infantil e a maioria ainda não enxerga isso. Ater-se a livros didáticos? Brincar de massinha para passar tempo enquanto os pais trabalham? Ou é muita ingenuidade ou é falta de caráter mesmo. O ser humano tem o dom da palavra e, sempre que escolhemos algumas delas para saírem de nossos corpos, há um endereçamento ao outro que transmite algo que há em nós. É essa a função da fala. Fazemos política todos os dias quando encontramos seus filhos pelo simples fato de que falamos com eles, os enxergamos como sujeitos. Educação não é mercadoria, não é negócio. Por mais que o projeto de poder lute pelo contrário, nós continuaremos investindo na transmissão do senso de coletividade. Obrigada amigos educadores, por existirem comigo nesse momento. Muito orgulho e carinho pelo que estamos construindo. Sigamos dando nossas mãos com cada vez mais força, o amor há de vencer o dinheiro.

QUANDO UMA CRIANÇA DO GRUPO TEM FREQUENTES EXPLOSÕES DE RAIVA E OS RESPONSÁVEIS PELAS OUTRAS REAGEM

Carolina e Pedro,

Na semana passada acompanhei Artur mais de perto, conforme combinamos. Escrevo para dar algumas notícias. Conversei com as professoras e a percepção delas está de acordo com o que já venho observando e pude reparar na última semana. Artur se envolve em todas as atividades, é amigo de todos e adora um papo, tanto com os colegas como com os adultos. Percebemos, no entanto, que por vezes se irrita quando os amigos não querem brincar do seu jeito, ao que ele responde fisicamente. Contudo, após a intervenção dos adultos, consegue encaminhar o impasse com a palavra. Essa é uma atitude comum desta faixa etária, não consideramos que Artur esteja, de forma alguma, apresentando um comportamento fora do esperado. Com os adultos, não vivenciamos nenhuma situação na qual ele se irrite por não termos agido conforme seu desejo. Se ele não concorda com alguma atividade, por exemplo, dá sugestões e, se não é possível acolhê-las, aceita com tranquilidade a explicação das educadoras. Nesta idade as crianças começam a perceber que seus desejos diferem do desejo dos outros e que nem sempre sua vontade vai prevalecer. É comum que tenham alguma dificuldade em lidar com isso. Crescer não é fácil! Geralmente com quatro anos o uso da linguagem física como resposta aos conflitos diminui bastante e as crianças vão ficando mais dispostas a ceder.





Com relação ao João, a professora relata que no início Artur colocava as mãos na frente do rosto quando João fazia algum movimento mais brusco, dando indício de que poderia bater. Juntando essa informação com os relatos de vocês, acreditamos que Artur estivesse com medo, de fato. Levando em consideração o que vocês e outros pais expuseram na reunião que tivemos, achamos muito importante tentar ao máximo evitar que as crianças do grupo tivessem contato com as cenas nas quais João demonstra fisicamente sua raiva. Neste sentido, temos sempre ficado a sós com ele em alguma sala nestes momentos. A professora me disse que Artur não coloca mais as mãos na frente do rosto para se proteger diante de qualquer movimento do João e contou-me uma situação de interação entre os dois na última semana: Artur brincava com um brinquedo de Beatriz quando João pegou o brinquedo da mão de Artur e foi devolvê-lo à dona. Artur disse: “Não, João, eu estava brincando!”, aí a professora interveio, mediando a situação e ajudando Artur a reaver o brinquedo. Nesta situação ele nos deu indícios de que está fortalecido para negociar as questões com João pela palavra. Demonstra não ter mais medo de João, pois o chama para brincar, e por vezes brincam juntos. Durante uma das conversas que tive com o grupo ao longo desses meses, Artur disse: “O João bate porque ele ainda não sabe falar, né?”. Tentamos mediar a situação com o grupo, apontando que o colega tem dificuldades, que ele ainda não consegue falar sobre o que sente em determinadas ocasiões, e que estamos ali para ajudá-lo. As crianças têm se mostrado solícitas, elas se sentem importantes e crescidas com a possibilidade de ajudar um amigo.

Estamos cuidando da situação com toda a dedicação possível. Não só pelo bem estar do João, mas de todas as crianças do grupo. Acreditamos ser um trabalho possível. Seguimos atentos e disponíveis, caso precisemos conversar mais sobre isso tudo. A nossa avaliação de Artur é que ele vem crescendo e se desenvolvendo de forma saudável.

Abraços,
Mariana

TRABALHO FLUINDO

Nesta semana meu sentimento geral foi de que nosso trabalho está andando! Fiquei feliz ao ver algumas propostas pedagógicas como a horta com o grupo 4, o piquenique no pátio com o grupo 3 e uma atividade com pneus, também desenvolvida no pátio com o grupo 3. As crianças estavam integradas, envolvidas e felizes! O trabalho na horta com o grupo 4 não foi fácil, mas acho que pode ser um caminho incrível para integração entre o grupo, inclusive para a professora. Acho que esse grupo precisa muito colocar a mão na terra, se melecar e se esbaldar! Antonio veio me chamar lá no pátio: "Mariana, Mariana, nós estamos fazendo a horta, vem!!!", me puxando. Depois disse muito animado: "Quem foi que te chamou pra ver? Fui eu, né?" Nunca tinha visto ele tão envolvido e tão feliz com uma proposta. Bingo! Nas propostas do grupo 3, mesmo com algumas dificuldades e por pouco tempo, João conseguiu entender que precisava esperar sua vez, que não ia conseguir ser sempre o primeiro, não adiantava tentar impor sua vontade no grito. Gisele não está mais tão grudada nele, as duas educadoras do grupo têm revezado bastante nas mediações necessárias e a entrada de Lidia parece estar surtindo efeitos bem positivos. Bingo 2!



SOBRE O SILENCIAMENTO DOS CORPOS

Foi com muita alegria que recebemos uma carta assinada por algumas famílias da escola, convidando-nos a pensar junto questões de extrema importância para a construção de uma sociedade mais igualitária, como as políticas de inclusão social e racial; o reconhecimento do lugar de privilégio e a empatia; a representatividade e a autoestima; os espaços de convivência e a divisão racial da cidade. Muito rico saber que o tema do racismo no âmbito escolar mobilizou os responsáveis da mesma forma que nos mobilizou. Temos discutido sobre questões étnico-raciais na escola em nossas reuniões semanais, e a inclusão social virou a temática condutora de nossas reuniões de equipe de 2019. Em um primeiro momento, estamos buscando acolher as dores dos próprios educadores, oriundas das desigualdades sociais e raciais que assolam nosso país. Entendemos que cuidar da dor de quem educa é um ponto fundamental para que possamos começar a reverter o cenário de desigualdades em que vivemos. Estamos aprendendo na prática sobre o silenciamento de alguns corpos e sobre suas cicatrizes sociais. Por conta dessas dores tão profundas que marcam nossa equipe, não só por questões raciais, mas também por questões de gênero e xenofobia, há algumas semanas entendemos juntos que não era tempo ainda de abrir o debate para toda a comunidade. Precisávamos cuidar para não atuarmos de modo a reiterar o silenciamento desses corpos, existente cotidianamente em nossa sociedade.

DESPEDIDA DO ANO LETIVO

Um ciclo se fecha. Um novo se abre. Entre Lucias, Marcelos, Pedros, Anas, Vitorias e afins, sinto que fechamos cada ano letivo estreitando laços de parceria e afinidade entre a equipe. Saí ontem da escola entre beijos, abraços e palavras de carinho, parecia meu último dia na escola. E de fato era. O último dia de um ciclo permeado por muitos afetos, experimentações, encantamentos, desencantamentos... A escola de educação infantil tem esse potencial mobilizador de emoções, essa vivência extasiante de todos os eventos que por ventura sejam marcantes em nossa cultura. A Copa do Mundo, a chegada do Papai Noel, os eventos com as famílias, o último dia de aula... vi pessoas chorando nesses diversos momentos, outras eufóricas, uma comoção geral. Acho que esse é o potencial da infância. A gente comemora tudo como se fosse único, como se fosse último. A gente se encanta como se fosse a primeira vez, a gente brinca, suja a mão de tinta e ri sem motivo aparente. E isso cabe na educação infantil! Na escola, a gente pode trabalhar brincando, o que traz leveza à prática. Ao mesmo tempo, por ser um campo que nos toca de modo tão singular e profundo, é preciso que cuidemos da criança que ainda há em nós e também do adulto que nos tornamos. Aí que a tarefa vira árdua! A gente se depara com coisas que nem imaginava que existiam dentro da gente e conhece nossos colegas de trabalho de uma forma que por vezes nem eles próprios se conhecem. Isso mobiliza raiva, amor, ódio, admiração... tudo junto e misturado! Como cuidar disso pra que o trabalho não vire um peso? Essa me parece ser a maior questão da educação infantil. Como acolher a raiva do outro sem que isso despedace e violente a gente? Quais dispositivos possibilitam que a palavra circule para que todos nos sintamos cuidados e possamos, assim, estar disponíveis para cuidar das crianças e suas famílias?

Enfim, encerro este livro com muitas ideias, com muitas questões, com muitos afetos, com poucas respostas. Sigamos nos revirando e nos encantando com essa arte que é trabalhar com educação infantil.



QUANDO A GENTE SAI DA ESCOLA, MAS A ESCOLA NÃO SAI DA GENTE...

Obrigada por tanto afeto, pelo brilho nos olhos, pelos sorrisos trocados quando ainda podíamos vê-los. Minha relação com a educação está renascendo. Em uma semana ela já morreu, foi enterrada e ontem começou a nascer um brotinho. Que bicho é esse chamado escola que pega a gente e não larga né? É nesse sentido que eu tenho certeza de que nossos encontros não terminam aqui. Nessa escola encontrei os educadores mais comprometidos com a infância de todo meu percurso. Quando algo morre dentro da gente é inevitável fazer retrospectivas, então estou aqui, me revisitando. Aí bate aquele saudosismo utópico... E esse saudosismo utópico me deixou com vontade de falar... Em meio à distopia (pandemia) que estamos vivendo, ainda mora alguma utopia dentro de vocês? Não é pra responder não. Tô pensando alto aqui enquanto tomo um café.



SOBRE A AUTORA

Mariana Gouvêa de Matos

Psicóloga pela UFRJ, mestre e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Especialista em Psicoterapia de Família e Casal (PUC-Rio), com experiência nas áreas de Psicologia Escolar e Psicologia Clínica, atuando principalmente na atenção a infância, famílias e casais. Atualmente é pós-doutoranda em Psicologia Clínica (Puc-Rio), professora no curso de especialização em Psicoterapia de Família e Casal (PUC-Rio) e psicóloga clínica. Pesquisadora da área de família, com enfoque em parentalidade, perinatalidade e infância. Autora dos livros "O parto na parentalidade" e "Tornar-se pai: desafios contemporâneos" e organizadora do livro "Infâncias pandêmicas: escola e saúde mental".

A central white speech bubble with a brown border contains text. It is surrounded by ten diverse, cartoon-style children of various ethnicities and ages, some holding pencils or paintbrushes, suggesting a school or creative environment. The background is a soft, light-colored gradient with subtle circular patterns.

WWW.PIMENTACULTURAL.com

TEM PSICÓLOGA NO CHÃO DA ESCOLA!

notas sobre
educação infantil